

Contos de Fadas

PĂDURI Além da Colina



RomancesCDiaz

Claudianne Diaz



RomancesCDiaz



Claudianne Diaz

Pãdurii

Além da Colina

Contos de Fadas



Copyright ©2025 by *Claudianne Diaz*
All Rights Reserved.
Todos os Direitos Preservados

www.claudianneclaudianne.com
www.cantinhodaescritora.com

Diagramação: Romancescdiaz
Produção e Capa: ©Depositphotos/ by Romancescdiaz
Ilustrações miolo: ©Depositphotos

Diaz, Claudianne 2025

Pãduri — Além da Colina — Contos de fadas— São Paulo/SP

Edição Bruxa
ISBN: 978-65-6108-124-5

Clube de Autores
1ª Edição

Romance; ficção e contos brasileiros
CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

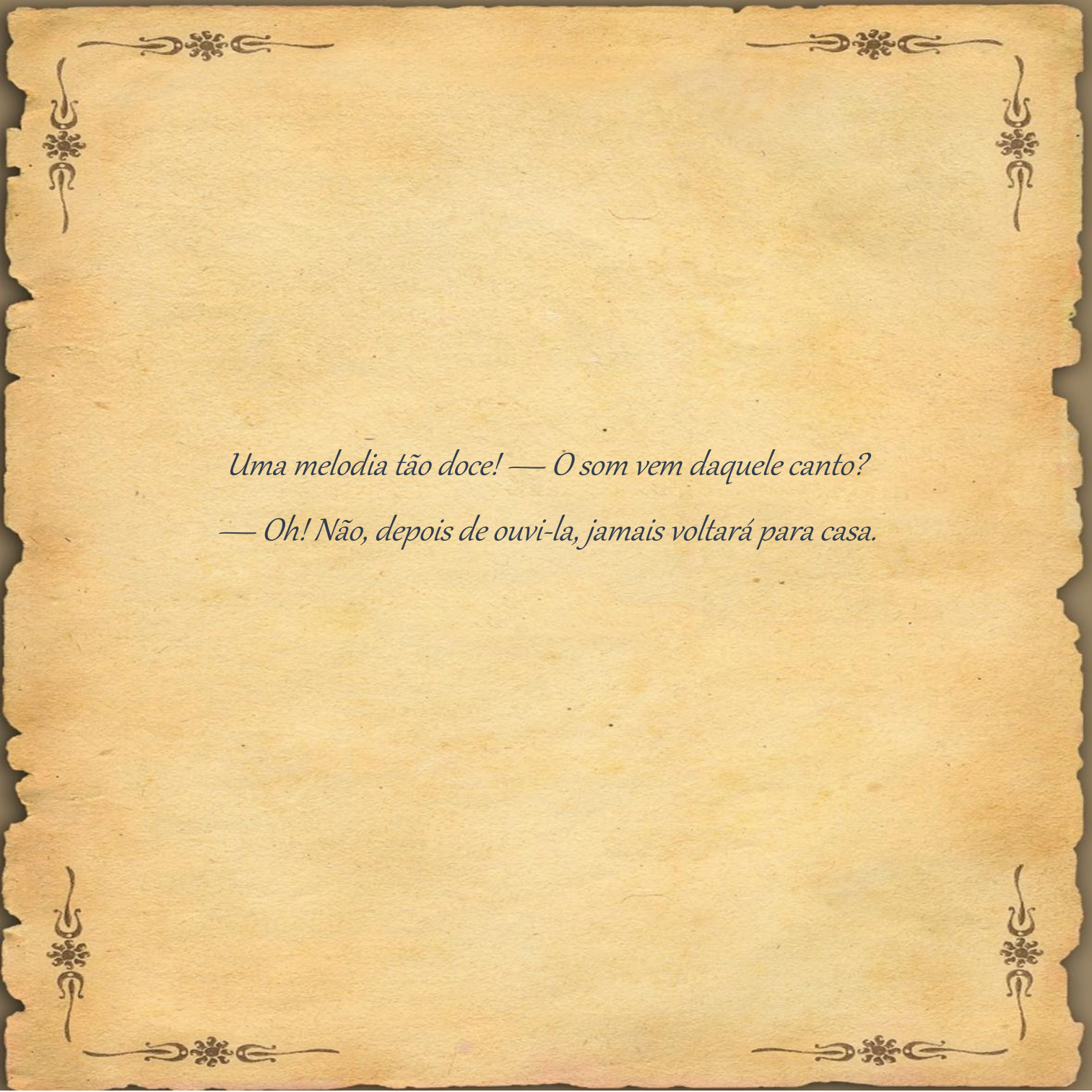
1. Romance; Literatura Brasileira B869

DIREITOS PRESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei Federal 9.610/1998) é crime previsto no art. 184 do Código Penal.



ROMANCESCDIAZ adicionou o SELO. **EDIÇÃO BRUXA**
que será um seguimento inteiramente consagrado ao mundo das bruxas. Um universo sobrenatural
reerguido pelas alavancas do tempo e que em nenhum momento, fora esquecido.





*Uma melodia tão doce! — O som vem daquele canto?
— Oh! Não, depois de ouvi-la, jamais voltará para casa.*



ÍNDICE

O Canto.....	9
A Canção	24
A Maldição do Canto	32
Canção assopre o dente de leão.....	37
Na Floresta Cantada.....	42
Além da Colina	68
O Canto Esquecido das Tribos	80
O Outro Lado da Canção	86
Canção; soprou o dente de leão.....	99
A canção rimada de Pădurii no labirinto.....	110
O canto da cura	117
A Promessa.....	124
Epílogo	127

O CANTO

—  or favor, senhora *Moara* não a deixe morrer! — Exclamou o homem ao lado com um sotaque romeno. *Luca Radu* sendo o dono de todas as terras dos míneros, era um homem fácil de lidar, companheiro e generoso.

Inara a jovem mãe e protetora das águas, de *linhagem terena*. De bom gosto, foi identificada quando criança sendo uma bela mulher que liderou a sua liberdade de escolha e formou para si uma tribo nova, a *mestiçagem*. Veio de sua própria escolha e iria ser reconhecida, se ela sobrevivesse o *quarto parto*. As mulheres terenas são fortes e conseguiam dar à luz por quantas vezes, fosse necessário.

O único fio de luz que entrara através da cortina tinha se esvaído. O céu chorava a todos os prantos, e *Moara* não quis assustar o homem que não merecia cuidar de um funeral.

— Traga mais toalhas e água, o sangue ainda escorre entre as pernas dela. Eu sinto muito senhor Radu. Traga mais velas e lampiões.

— Sente muito o que? — Ela morreu? — A mãe dos meus filhos morreu?

— Calma, senhor. Ninguém morreu, mas pode morrer. Traga algo afiado e um pouco de uísque.

O homem sem entender trouxera em *um* segundo.

— As duas outras mulheres que a ajudavam nos partos pelas redondezas, ergueram a senhora Inara em meio corpo. Enfiaram a bebida goela abaixo. Deitaram-na e Moara olhou para as duas e deu uma piscada.

— O senhor pode se retirar, leve consigo as crianças e o choro. Hoje ninguém vai morrer. Saíam daqui.

— Segurem-na, será rápido como os relâmpagos do céu!

Inara apenas gemia, não tinha forças para gritar. Mas, Moara conhecia a mulher que estava prestes a dar à luz. Era doce e encantadora, resumia tudo numa bela prece. Nunca deu trabalho, nem preocupações a sua tribo. A sua liberdade era o seu maior triunfo, e conseguiu tudo não só por sua beleza, mas por força e determinação. Trabalhadora e serena. Ela possuía classe de uma rainha. Talvez, não gritava porque em nenhum outro parto que fizera fez isso. Sempre aguentou tudo muito calada. Parecia ser a santa Inara. Algumas pessoas da aldeia diziam que ela foi considerada a protetora das águas não pelo batismo do seu nome, mas, por sua conduta. E, a linhagem continuaria, se ela fosse mais forte essa noite.

Moara a abriu, fazendo um leve corte na horizontal, abaixo da enorme barriga. O sangue misturava com água de cor amarela e rosa.

Então, ela forçou a lâmina na carne e jogou mais um pouco de uísque. A lâmina atravessou uma carne espessa na qual as outras mulheres fizeram uma careta. Às vezes, era preciso arrancar a criança, já que ela não parecia querer nascer. Sempre que acontecia isso, Moara dizia que as mulheres tinham se distanciado da mãe lua. Estavam seguindo o seu próprio caminho. E, essa noite ela poderia reconhecer Inara como uma mulher que criou uma tribo através da mestiçagem, mas não poderia reconhecê-la por ser a mulher da aldeia. A mulher que pode parir naturalmente. Não que ela estava sendo punida, não. Mas, porque ali encontrava uma mulher que se revelou ser extraída de sua origem. Ali, iniciaria uma nova tribo.

A linhagem dos *puros terenas* havia terminado ali, naquela noite. Depois de quatro filhos, o sangue romeno surtia nas veias daquela criança. Radu seria pai novamente e seus filhos continuariam a ser a espécie mais peculiar que ela conhecera. Uma mistura de tudo que jamais vira. E, sendo uma *terena* e ele um *romeno*, ela tinha que confessar, era as crianças mais lindas que já vira.

César, Dumitru, Mihaita e finalmente uma menina. — Exclamou Moara.

— Tome, Jane. — Vá lavá-la, embrulhe-a rápido.

Moara tinha cortado o enorme cordão e salpicado um tipo de *fumo* com uma pasta esverdeada no toco, rente a barriga da recém-nascida.

— Rápido, Ceci. Ajude-me, a costurá-la. Não a deixe que ela perca todos os sentidos.

— Ela desmaiou, senhora Moara. — Disse Ceci.

— Então, faça o que você faz sempre, quando isso acontece.

Ceci hesitou.

— Faça! — Insistiu Moara. — Eu dei a minha palavra para aquele pobre homem, o coração de ouro dele vale o quanto ele tem de verdade. É um bom homem e daria a vida dele pela sua.

Ceci havia hesitado, porque sempre que liturgiava, o seu canto abria portas nas quais trazia as irmãs perversas de *Leana*. Elas traziam a morte para alguém da aldeia.

— Cante! — Insistiu Moara.

A voz de Ceci ressoou em todo o quarto improvisado de Inara. A voz era aguda e aterradora, como as notas de piano.

Acorde Inara, com o som da clave,

Durma espíritos do anoitecer,

Sinta o seu corpo etéreo renascer

Entre os espinheiros negros florescer!



Quando uma melodia desta, era cantada após um parto, todas as mulheres da aldeia sabiam que a mais nova mãe poderia morrer e moribunda entre o limbo ia escolher. Vir, novamente para o nosso mundo ou partir. Seguir em sua jornada eterna, sem dores, sem mágoas e sem serviços inacabados. Se ela retornasse, todas sabiam que na aldeia, *um* ia ter que *partir*. Essa, era a lei. E, por isso, o canto era proibido.

Mas, todas as mulheres da aldeia amavam Inara. E, naquela noite, no meio da chuva as mulheres saíram de suas casas e foram até a porta partilhando uma as outras os seus *guarda-chuvas* e segurando uma vela acesa em cada mão.

Um exército de mulheres no meio da noite, esperando um milagre acontecer.

Elas sabiam que Inara ia fazer uma escolha, e sendo qual fosse, a sua decisão, elas a respeitaria. Havia quatro crianças que precisava de uma mãe. Ela sendo a *esposa de Radu* e donos de todas as propriedades da aldeia, eram adoráveis e generosos.

Radu abraçava os filhos e todos choravam entre o umbral da porta, por trás de uma pequena luz que ainda se acendia lá dentro.

Ceci, a mãe do pranto já havia rimado nove vezes. Tudo então, calou-se, a noite foi tomada por um silêncio devorador. Sem ruídos, sem grilos, sem latidos ou uivar. Silêncio absoluto.

O choro tinha sido engolido pelo gélido frio que passou de repente. Um vento sucumbiu e imediatamente, a porta bateu nas costas de Radu que separou as crianças que abraçavam o pai.

Moara, Ceci, Jane, Inara, a criança recém-nascida e os três meninos ficaram do lado de dentro da casa. Com a porta sendo arremessada, Radu foi jogado para fora. E, uma tempestade surgiu.

As mulheres que se amontoaram na porta de Inara começaram a dissipar. Separando-as e indo embora para os seus lares, para um lugar seguro.

Radu tentou entrar, mas parecia que a porta tinha sido trancada pelos deuses, era as *irmãs de Leana* que tinha atravessado o fino véu do canto e vindo com o sopro dos ventos. Logo, que o vento passasse, elas iam para os bosques. O sopro em redemoinhos rufava entre os ouvidos e todos os animais, aves e insetos foram levados para o outro lado da aldeia.

As rajadas de vento passaram como mágica rodopiando numa espiral enorme que dançava ao meio das aldeias e seguiu direto para as clareiras. De lá, dava para ouvir o som delas que gemiam ao cantarolar o *sono da morte*. Suas risadas chorosas e amedrontadas, que fazia os ouvidos dos cães zunirem e uivar no meio das matas molhadas.

Radu sem entender de imediato o que havia acontecido, estava agarrado em uma das colunas que segurava uma tina de água e que por estupidez ele gritou, dizendo palavras horríveis ao vento que o jogou ao chão. Ruidosamente, ecos de

vozes entravam e saíam de sua cabeça e ele andou cambaleando para dentro da casa.

— *O que fizeram?* — *Foi bruxaria?* — Gritava em desespero. — Por que aquelas mulheres estavam aqui?

Suas perguntas continuavam sem que desse tempo de alguém responder.

— Sua filha, senhor Radu.

Ele olhou-a meigamente um pequeno embrulho rosa.

— Sua esposa, disse Moara. — Aprontou várias peças de roupas coloridas e se fosse menina como tanto queria, pediu que usasse o manto rosa. É uma menina forte.

Radu pegou o embrulho de sua mão e dissera com a voz trêmula a parteira.

— Dê-me. — Seja o que for que fizeram, limpem a bagunça. — E a minha esposa?

— Ela está inconsciente, mas decidirá o que quer. Seja o que for, acredito que ficará conosco.

— Como tem certeza?

— Não viu a tempestade? Elas vieram, passaram pelo portal. Quando isso acontece, é porque o moribundo não aceitara ficar entre os mortos.

— E por que fizeram isso?

— Eu dei a minha palavra que hoje ninguém ia morrer. O senhor deve dar o nome a essa criança antes da *hora mais perigosa* e fazer o ritual de proteção. Já que a sua esposa está desacordada, a criança deve receber o nome pelo pai.

O homem ficou olhando-a em dúvida.

— Eu não sei como proceder, escolha um nome e faça o ritual vocês mesmo. Foram vocês que resolveram pedir ajuda aos elementos. Pois, saiba que eu sei muito bem que essas coisas são perigosas.

Ele beijou a pequena testa da criança e devolveu-a.

— Só a mantenha no nosso mundo, e a minha pequena também.

— Para *quem* acha que deveríamos pedir ajuda? — Deveríamos tê-la deixado ir, naturalmente, como todos vão partir um dia. Só pensei que os seus filhos precisassem de uma mãe. E, o senhor de uma esposa. — Agora quer se esconder?

O homem cético ficou de um lado a outro até dizer que ia participar do ritual pelos seus filhos e pela sua esposa, mas que não acreditava em bruxaria.

— Isso, não é bruxaria, é apenas um culto dedicado aos elementos por ter deixado ela passar, e por segurança de toda a aldeia reprimir as forças das irmãs de Leana. Elas, por sua vez, recolhem uma alma em preço do que iam receber.

Inara por uma vida. Essa foi a moeda de troca.

— Não precisamos que ninguém morra para salvar outra vida. — Disse Radu.

— Compreendemos o quanto é honesto e bom. Mas, se esse ritual não for feito de coração elas levarão alguém da sua família. Primeiro elas rodeiam o cheiro do seu sangue e continua até que elas levam aquele que mais dói.

Radu deu um salto.

— Então, que me leve. Não quero nenhum dos meus filhos mortos.

— Não devia pensar em voz alta, senhor Radu. Agora, sente-se no chão, segure a criança e escolha um nome. Não falta muito para a hora mais escura, à *meia-noite*.

— Podem me dizer quais são os nomes mais comuns e que tenha algum significado na *raiz terena*?

Moara deu um sorriso. Ela sabia que ele era esperto, mas não o suficiente para gritar os seus medos.

— Tudo bem, vou dizer três nomes. *Yandra*, cujo significado pode ser bastante eficaz em nosso ritual, já que ela comanda a metade do dia. Todos podem ter uma fraqueza, mas ela dominará uma parte do dia. *Araci*, a mão que regerá com o domínio que ela possui por dominar uma parte do dia. Sem esse membro, ela poderia enfraquecer as forças e o domínio dela se perderia. A mão, então, o dirigirá para o lugar que deseja. E, finalmente, *Marana*, a que combate entre as duas partes. Ela possuirá o domínio do dia e da noite.

Radu ouviu tudo com muita atenção e em seguida pegou a cambucá de água e despejou na testa e nuca da criança dizendo. — Ótima escolha.

Ceci e Jane deram um sorriso inocente apertando as mãos uma da outra. E, Moara baixou a cabeça e fechou os olhos, dizendo em seguida.

— Todos, fechem os olhos. Senhor Radu, segure firme a sua criança na qual foi batizada por nome de *Yandra Araci Marana*. Ela possui o nome que carrega as forças do tempo. De dia terá as mãos de Araci e a noite as mãos de Marana. Juntas, terá o poder da escolha e milhares de direções, nas quais a levará ser um espírito livre. Carregará consigo as raízes originárias de sua espécie e se encontrará com a mãe que a gerou, dando-a a escolha, entre ficar ou partir.

Quando terminou de falar iniciara junto com as outras, uma língua morta. Uma expressão de frases e rimas que Radu jamais ouvira. Ele segurou a menina fortemente e juntou para perto de si os seus meninos, abraçando-os todos de uma vez. Deu mais uma olhada na cama que beirava o umbral da porta da cozinha e chorou. Todos choraram.

— *Agním île puróhitam, aqua, humus et anima. Currere.*

Novamente, elas sabiam que depois do silêncio interminável que habitara em seus ouvidos aguçados, todas as palavras ditas e o ritual feito, nada poderia ser desfeito. Porque o tempo já havia passado, aqueles segundos redigidos e ditos não alterariam em suas novas buscas, em seus medos e arrependimentos. O rumo de tudo já tinha sido mexido e a alavanca do mundo que os regiam havia mudado de direção para sempre.

Num assovio, os segundos que desfloravam o contorno do relógio velho ao lado, somava pontualmente doze horas. O ponteiro não equivocado, predizia a visita das fadas escuras que nem sempre diziam os seus nomes. Pois, os seus nomes declamados poderiam destruir toda a aldeia, mas se os mortais os amassem elas seriam suas escravas. Ofendidas por natureza, devia saber muito bem o que dizer, o que fazer e as atitudes poderia deixá-las enfurecidas.

Moara abriu os olhos e o que viram foi um *globo branco* que ocultava o círculo negro. No lugar dos olhos viram um mapa em branco desenhado apenas as linhas expressas e saltadas de ferrovias, de lugares que faziam as suas travessias

terrestres e marítimas. Ela falava com uma das fadas do amor chamada *Lily*. Ela era uma das fadas que intercediam por afetividade, por aproximação, por amor e ternura. Ela dizia que os amava pela generosidade de Radu para com a sua família, amava a pequena criança e os meninos, mas as suas companheiras do sul eram perigosas e se deliciavam com o medo e o sangue. Elas haviam passado, assim, que sentiu o cheiro de Inara e o canto de Ceci.

Pois, elas iriam cumprir o desejo de todos, mas iria levar alguém da aldeia. Elas estavam à espreita no *matayuka*, nas *matas ou bosque*, durante a *pituna*, durante a *noite*. E, levaria uma *anga*, uma *alma* que perambulasse no anoitecer. Em troca do favor que fora concebido em deixar Inara passar.

Subitamente, o tempo enuviou repleto de energia, de água, de poeiras e o vento sucumbiu com as forças ígneas que elas regiam.

Sorrisos e choros, cantos litúrgicos de palavras mortas eram lançados ao vento, a tempestade carregava tudo.

As crianças agarradas ao pai choravam quietos e assustados. Radu os abraçavam e dizia-os que tudo ia *passar logo*.

O tufo de vento balançou as portas e janelas, as risadas acordaram Inara.

Ela estava de volta por um preço.

O gemido de dor de Inara deixaram todos aborrecidos. Ela se contorcia pelo corte que Moara teve que fazer para arrancar Yandra. Ela inconsciente pedia

a morte. Ela queria morrer. A dor atravessara a carne e supostamente tocou em sua alma. Ela não entendia, estava sonolenta pela hemorragia e dizia coisas estranhas pela febre.

Os meninos choravam e Radu os consolavam. *A pequena Yandra tinha fome da vida* e Moara pediu para Jane chamar *a ama de leite* para amamentá-la. Ela sabia que *Camby* iria para lá imediatamente, pois essa era a sua nobreza, dar leite as crianças inocentes que desmerecidamente clamam por fome.

Já passava da hora perigosa, mas Inara aos prantos pedia a morte. Ceci se lamentava pelo canto e Moara se levantou e foi para a cozinha preparar uma *mistura de ervas para beber* e um *unguento para curar a sua ferida*. Inara devia dormir.

Pediu um pilão, alguns dentes de alho, trouxera consigo ervas, nas quais sempre levava, caso a mãe que dera à luz tivesse que ser medicada.

Pegou em sua bolsa um saquinho com vários ramalhetes ressecados, amarrados com um cordão. *Salsa, Petroselinum crispum, aquileia, Achillea millefolium e losna, Artemisia absinthium*. Um punhado de *Artemisia absinthium* a colocaria em sono profundo, deixando o corpo se curar ao invés de sentir a cicatrização que é lenta de dentro para fora.

Colocou toda a mistura amassada e um caldo amargo surtiu no efeito de uma careta horrível de Inara. Ela baixou a prematura mãe moribunda e passou uma pomada com fumo amassado para uma cicatrização mais rápida. Apesar, de que por dentro, o corte iria fechar lentamente, ela só não queria que Inara tivesse uma infecção. Então arrumou uma tintura de tomilho, *Themis vulgaris* com *alho* e casca de *romãzeira* que levou com uma cumbuca aos lábios ressequidos de Inara. Um gole era suficiente para acalmá-la. Depois de duas ou três horas faria com que

ela engolisse novamente a mistura de ervas com *tomilho* e alternaria com *erva-doce*.



A CANÇÃO

Dias e noites seguintes pareceu por anos, mas a menina teve a sua *ama de leite*. Elas sempre colocavam toalhas mornas nos seios de Inara para que o leite não empedrasse ou apodrecesse. Radu ia trabalhar sempre depois de dá-la um beijo em sua testa, mas Inara raramente o viu. Quando abria os olhos rosnava pela dor.

Os camponeses continuaram com o plantio, cercado de outros que cuidavam das lenhas. Radu organizava as escavações em terras mais distantes para os minérios, as rochas que conseguiam trabalhar davam o pagamento de todos e ele sempre cuidava para que as pedras fossem polidas por pessoas de seu apreço.

Um amigo vindo do outro lado das aldeias, do lado do mar, da encosta. Trabalhou por dezenas de anos no fundo do mar e fez um bom negócio em trocar fortunas. Radu o encorajou em fazer a troca de pedras por pérolas ainda sem polimentos. A troca de abastanças deu lhe uma ideia absurda. Já que corria um

boato por toda a redondeza de que um homem, um dos seus camponeses havia adentrado no bosque e jamais visto novamente.

Surgiu histórias de todo o tipo, de que a voz melódica se espalhava nos corredores das matas e um homem tinha se perdido. Imediatamente, uma mulher, a senhora *Luna* pediu que o procurasse, havia uma noite que não tinha voltado para casa.

Radu soube naquele instante, do que acontecera em sua casa aquela noite, e rapidamente formou um grupo para que entrassem mata adentro e só voltasse com o senhor *Dom* de volta. Erroneamente, cético.

Não acreditava em encenações, ele dizia que rituais eram formas de que as mulheres já tinham nascido em pura arte, e tudo que faziam era para chamar a atenção de seus maridos. Fomentavam medos para que eles não saíssem, faziam espécies de feitiços por imaginação e inutilmente as suas crenças a levavam a lugar algum. O trabalho penoso tinha que ser feito senão o alimento não supria a mesa por magia.

Radu não aceitava ou não aceitou o fato de que o vento e a tempestade daquela noite foram só pelo mau tempo e não foram encenados por fadas ou espíritos da natureza. Ele acreditava piamente de que um ser humano jamais conseguiria chamar os elementos. Eles eram partes da natureza e separado dela. Era o que acreditava. Mas, sempre que Moara conseguia conversar um pouco com ele, mantinha o fato de que *os elementos eram parte de tudo e tudo era parte do todo*.

Inara havia acordado plena depois de duas semanas e dois dias, há tempo para um café da manhã reforçado. Dava para ver a angústia em seus olhos, mas

quando viu *Yandra* pela primeira vez ficou tão feliz que todos os prantos e os olhos de tristeza foram embora. Ela queria amamentar, mas Moara dissera que ainda não poderia devido as ervas que surtia em seu leite.

Ela então, segurava a menina alegremente enquanto sorria de felicidade.

A ama de leite tinha praticamente se mudado para a casa de *Luca Radu*. As crianças ficaram felizes pela mãe ter acordado bem. Radu pulou de alegria, mas prometera que ela jamais teria outro filho. Ela nem se importava com que ele falava, queria a pequena Yandra no colo.

— A propósito, senhora Inara. — Disse Moara. — Fui eu que dei o nome para ela, tivemos que fazer o *ritual das fadas*.

— O que? — O que fizeram?

— Ou era o ritual das fadas, ou o seu enterro. — Disse fervorosamente Moara



— E, se alguma delas quiserem um dos meus filhos?

— Não controlamos as suas escolhas. Mas, antes que elas tivessem que decidir por uma alma em troca da sua, fiz o ritual de batismo. Sua filha se chama *Yandra Araci Marana*. Ela terá as mãos do destino, foi ela *quem* decidiu que saísse do limbo, ela precisava de você. Ela precisa de uma mãe, não apenas uma ama de leite. Ela terá que decidir muitas coisas quando crescer, mas sempre carregará a mensagem do seu nome.

Inara chorou, mas foi um choro de felicidade.

— Estou feliz pela decisão que tomou pela minha vida e pela minha família.

— Mas, o que acontecerá na aldeia?

— Bom, Ceci não tem o poder que muitos acreditam ter, ela apenas abre o portal devido o *som clave* de sua voz. O véu fica mais fino e ela pode pedir ajuda para um *bem maior*. O bem deve ser feito por bondade, sem malícia. Se outras entidades entram, não foi proposital. Não deve sentir culpa, mas satisfação. Você está aqui, pode cuidar da sua filha. Ela tem uma mãe que pode ampará-la, porque a vida lá fora são matilhas de lobos e não podemos carregar tudo nos ombros.

— Tem razão. Mas, mesmo sem saber que dia é hoje, eu sei que o que fizeram foi para que eu decidisse, e não morrer à míngua, porque a criança não nasceu devidamente pela forma natural. E, eu sei que as minhas raízes foram deixadas naquela noite. Hoje sou apenas mais um galho nas estirpes dos *Radus*. Sou mais *romena* do que *terena*.

— Não se preocupe com *quem* você é. Apenas como renasceu.

— Em todo o caso, sou agradecida. As mulheres estão sendo mais corteses e se distanciando da mãe lua. Ela é a senhora dos *nove nós*, ela é a senhora da

magia, da naturalidade, da fertilidade e do encanto. E, mesmo não tendo mais o direito de chamá-la de mãe, eu peço as bênçãos dela em meu lar.

— Senhora Inara, sempre poderá chamá-la de mãe.

— Eu gostei do nome da minha filha, agradecida pelo bom gosto.

Yandra resmungava e se virava no colo esquelético da mãe.

— Deixe-me pegar para amamentá-la, senhora.

— Claro, senhora *Camby*. Obrigada, muito obrigada.

— Agora coma, senhora Inara. Essas torradas com geleia de morango, suco de frutas e abandone a agonia.

Inara comia muito pouco, mas foi se levantando com o passar dos dias. Sempre revezando o colo de *Camby com o dela*. As crianças pulavam na cama e até se esqueciam de que ela ainda tinha dores. Mas, tudo foi se ajeitando com o passar do tempo.

No fundo, havia uma preocupação. A tez em sua testa enuviada não escondia algo por dentro. Como se uma cicatriz indesejada tivesse marcado o seu rosto. Ela sabia que o desaparecimento do marido de uma das mulheres da aldeia, não foi apenas ocasional. E, também não tinha sido o primeiro, nem o último. Ela sabia que as *irmãs* de *Leana* eram más por natureza. Ela conhecia a lenda. E, sem que todos da casa soubessem, ela guardava um segredo. Um segredo que a perjurou antes que ela saísse do limbo.

NA CLAREIRA

Um som melódico percorria junto de um instrumento, o eco atravessava os ouvidos e eles hipnoticamente deixavam suas ferramentas para seguir o canto que vinha da escuridão.



A MALDIÇÃO DO CANTO



odos voltavam para casa, cansados e exaustos. Traziam consigo suas trouxas amarradas em suas *atiuwa*, em seus *ombros*, o cordão dado um bom nó. As esposas sempre os advertiam de que não cantarolassem na *pe*, na *trilha*. Ou as fadas ouviriam e os levariam para a *ywytera*, a *colina*.

Quando atravessavam o monte, o sol já havia entrado, o céu borbulhava de estrelas, os vaga-lumes iluminavam a trilha, os grilos cantavam alegremente e os cães selvagens uivavam ao longe. O cavalo de Radu resmungava ao trotar e os homens atrás seguiam o patrão e os seus homens na escuridão.

De vez em quando, um falava sobre o dia para que a noite não o engolissem. O sono da cavalgada era torturante, devido ao pesar em seus ombros. O cansaço de um dia justo de trabalho.

Samuel Obiru, a *folha seca*, foi o primeiro a falar sobre o acontecido, cochichando entre os homens no fundo da cavalaria, que depois da esposa de Radu a aldeia tinha sido enfeitiçada. As mulheres ficaram mais medrosas e não podia sequer fumar um cigarro de palha no balcão. Os espinheiros negros sempre repletos de oferendas estavam deixando mais temerosos e aflitos.

Dom nunca mais voltara. E, sabe lá, o que aconteceu, se tudo não passava de bruxaria. Um padre local iria se apresentar e elas estavam inquietas. Parecia que as mulheres da aldeia tinham sido possuídas.

Logo Radu, um homem cético, ter uma esposa louca e bruxa, seria possível que ele comprasse o silêncio do padre para não a queimar viva, já que voltou dos mortos e deixara todas loucas. E, ele sendo um *Obiru* não deixaria essas lendas atemorizarem-no.

Havia uma *Itaperuna*, uma *pequena aldeia no meio daquele bosque* na qual os deixavam curiosos. Eram povos que nunca eram vistos. Ou, se saíssem, ainda não os tinham notado. Aquela noite, ao passar vagamente pela trilha, viram pequenos rostos adentrados sobre os vidros. Cortinas sendo mexidas e luzes que piscavam, mantendo às vezes, acesas. Quando o último cavalo trotava ao pincelar da margem, todas as luzes apagavam instantaneamente. Como se um coro fosse entoado e reprisado.

Serrano, o *Itanema* lembrou-os de que eles eram povos pequenos e que os seus trabalhos poderiam ser depois do sol. Eles deram risadas.

— O que fariam depois do sol? — Se, no entardecer não se vê nem um palmo do nariz? — Olha quantas lamparinas acesas? Há uma trilha de cavalos e uma trilha de lamparinas. E, o que estavam olhando sobre as janelas eram apenas crianças, crianças curiosas.

— É melhor ficar quieto e seguir. — Falou encrespado Jorge.

— Sua esposa te colocou medo? — Indagou Obiru.

— Não. Eu só quero chegar logo em casa. Você devia ter o mesmo intuito, já que é o último da trilha. Não se esqueça que Dom caminhava por último.

— Não adianta me colocar medo, e para você saber que estou bem, vou cantar uma velha canção.

— Cale a boca Obiru ou vai ter a mesma sina do seu sobrenome.

— Uma folha é seca quando já passou pelo seu destino, ela deve seguir o seu ritmo para depois morrer.

— Eu acredito que na natureza as folhas que caem nem sempre são secas.

— Mas, a mensagem que eu carrego é por ser seca.

— Mesmo assim, cale a boca.

Obiru era a pessoa mais teimosa do grupo e as conversas do fundo não beiravam nem ao meio da cavalaria. Ele iniciou uma péssima canção, na qual alguns cantarolavam juntos para advertir o sono já que os homens que cavalgavam ao meio tinham a garantia dos olhos vigilantes detrás.

Alguns permaneciam calados e mais amedrontados com a canção porque poderia acordar as *ninfas do bosque* e por exatidão tragá-los.

Aquele que faz armadilha,

No monte da colina;

Sabe que é um covarde.

*A donzela vinha do Norte e a virgem vinha do Sul, cantar junto deles a
velha canção de ninar.*

Mas, o sono que antes perdura,

Vinha também chacoalhar,

Os corpos cansados dos homens;

Que vinham da trilha a cantar.

Todos pegaram o ritmo e cantavam alegremente. O trotar dos cavalos se transformara em marchas sincronizadas na travessia final para os seus lares.

E, no trotar dos cavalos, na teimosia dos homens que mais parecia ter sido envolvido na música por um feitiço, ouviram de dentro das matas gélidas da noite um som que ecoava como vozes do além. Vogais assopradas ao vento e cada um

entendia na melodia a letra que seu próprio instinto desse por lógica. Porque era uma melodia regida por sons que se misturavam com a natureza suave e feroz de uma tempestade.

Mas, ao meio das vozes entoadas ao longe da colina, a voz de Obiru reprisava a nova música substituída pela velha canção. Na segunda estrofe, todos que ouviam entenderam do feitiço.

CANÇÃO ASSOPRE O DENTE DE LEÃO

Para despertar as fadas os sonhos devem estar em camadas muito além, de sono profundo e de coração preparado. Pois, elas são ternas, serenas e amáveis.

Assopre um dente de leão

Fazendo uma bela canção.



As fadas estão presas

Dentro dos seus sonhos,

Elas se despertam

Quando você sonha.

O canto que desperta

E o eco que liberta,

Do mundo do sonhar

Das vozes a soar;

Faz suas lindas asas acordarem.

Cante uma canção de ninar



Para as crianças não chorarem,

Rime, invente

Alegremente,

Pois, ela a fada

Adora uma saga.

Pãdurii, se enfada

Por quem se encoraja.

De noites adentro



De dias afora,

De choros e risos

Dados de fora.

Volte a sonhar

E volte a ninar,

Levem as oferendas no altar

No espinheiro negro vou estar;

Digam suas preces ao rezar.

Pãdurii quer acordar



E, com fome vai estar.

Ela se alimenta do credo que possui

Da força que conduz,

Da luz do seu condão

Da energia que busca do coração.

Assopre um dente de leão

Fazendo uma bela canção.



NA FLORESTA CANTADA



trotar dos cavalos marchavam ferozmente o meio da noite, enquanto o som da voz de Obiru se mesclava com a suavidade em *clave* ao fundo descortinado de uma voz feminina. Apedrejados de súbito pela verdade de suas esposas, o aviso fora como pedras em suas costas. Mas, não se podia fazer nada, a não ser continuar. Os chicotes zuniam, a noite tinha ficado mais escura, a travessia que antes fora uma aventura de volta para casa tinha se tornado pandemônio. O fim da travessia era interminável, a forquilha não chegava para dar a aspereza de olhar para traz.

Não poderiam ser considerados covardes, mas sabiam de antemão, que alguma coisa o pegou.

Repentinamente, o lampião que Obiru carregava foi massacrado pelo cavalo solitário que corria desgovernado acertando as pedras costeiras e derrubando outras em seu acento.

Um foi passando para o outro a notícia durante a cavalgada, até chegar em Radu.

Quando chegou até ao mínero líder, o homem que era o braço direito de Radu, ele reprisou a notícia dos camponeses e lenheiros, de que mais um homem fora tragado pela voz feminina que vinha do bosque. Algum animal feroz tinha o atacado. Essa, era a ideia principal. Não havia fadas.

O som que fora antes ouvido pelos homens lá detrás da fila que seguia a trilha dissera que a voz era real. Obiru se encorajou a cantar junto dela e desapareceu.

Radu bradou, mas não olhou para trás. Profundamente, ele sabia que alguma coisa estava errada naquele lugar desde que Yandra nasceu. Logo, iriam culpá-lo. Culpar a sua família por alguma bruxaria, algum feitiço e pediriam para machucar alguém. Aquilo tinha que parar.

Um padre local já tinha sido avisado por alguém da aldeia. A esposa que ficara viúva com três filhos para cuidar não aceitara tal fato e tinha comunicado que o padre fizesse um banimento. Ele se sentia responsável, de alguma forma, mas isso, não ia ajudar. Eles eram os seus camponeses, eles iam juntos, e teriam que voltar para casa juntos, para as suas esposas e seus filhos.

Tudo aquilo era desnecessário, injusto e não havia outra palavra mais completa a ser dita, senão, uma maldição, a prole de que a sua esposa e filha tivesse parte. Seus olhos espremeram-se, para que a dor não fosse jorrada para fora, sua face forçou uma severidade consternada de raiva e seu maxilar mostrou a sua fúria.

Disciplinado ao cavalo, mantinha a sua postura e quando chegou finalmente a forquilha da trilha, avistou a liberdade de seus homens. Ali havia a segurança que na *senda de calhaus*, nos *seixos*, até o mato que crescia teimosamente por entre os frisos de pedras, sentiam insistentes em dar a sua graça, seja por *quem* fosse aquele ser da noite que devorava homens e medos.

Em frente as aldeias *Guapira*, onde o *vale* iniciava uma carreira de casas uma do lado da outra, terminava a forquilha. Ao lado direito, havia a *ponte dos enforcados*, um enorme barranco de pedras e acima, tinham construído uma pequena casa de espião. De lá, se via toda a aldeia, cercada de arame e acima de tudo. A pequena ponte ligava ao um caminho sombrio, ia direto para a floresta *lacina laceê*. Rezavam as lendas de que era o lugar das *borboletas douradas*. O ar das matas adentro possuía uma espécie de veneno que os deixava obsoletos e uma voz arrancava os pensamentos. Não tinha como se livrar delas. Elas os tragavam. Mas, segundo as lendas, uma *bruxa* conseguira escapar, pelo fato de que ela havia conseguido a extrema meditação. Onde um ponto vazio da mente não as deixava entrar, e assim, não saberiam os segredos de sua mente porque não havia pensamento, mas uma estratégia de que naquele ponto vazio, havia um mundo escondido. E, esse mundo era dela.

Precisava ficar por algumas noites, junto de seu amigo e braço direito, *Jaques Enache*. Um homem fiel às suas ordens, faria tudo que tivesse ao seu alcance, e já sustentara a ideia de que os camponeses iam se revoltar. — *Mas, seria uma má ideia pedir para que fosse embora? — Deixar a casa vazia para tentar chegar até o ponto mais venenoso da floresta?*

Essa ideia era a sua carta branca, um segredo que não contaria a sua esposa, mas advertido ao amigo, caso alguma coisa desse errado. Ele ficaria à mercê dos camponeses, lenhadores e míneros. Aquela noite, a esposa de Obiru não teria um corpo para o velório, mas a perda do pai dos seus *seis filhos*. Mais uma família que teria que sustentar pelo mísero acovardamento que sentia pulsar em sua alma. Ele não deixaria a família passar fome. Seja o que quisesse dizer, ele não os abandonaria. Aquele vínculo de honestidade, de princípio havia nascido com ele.

De longe viu seus homens desmontarem de seus cavalos e se abraçarem. A noite de trabalho tinha terminado, mas a tristeza só havia começado.

A noite tinha sido congelada pelo silêncio avassalador, as estrelas deram o seu ar de graça depois de um homem ser engolido sabe lá, pelo *que*.

Uma angústia tomou conta do seu corpo e espírito. E disse a si mesmo. — *Você é só apenas um maldito!*

Entrou e foi direto para o seu aposento onde estava a sua esposa, viu a sua filha que dormia ao lado de sua cama, um sono profundo e inocente de uma

criança. Ele queria acordá-la e fazê-la dizer o que tinha acontecido e *por que* não escolheu a melhor opção. Sendo, que desta opção, não sobraria nada dele. Ele fechou o pulso, cerrou os dentes e foi para a cozinha comer alguma coisa. Estava faminto.

Sentou-se pensativo, o dia exaustivo de trabalho fora penoso, mas o senso de humanismo que possuía para com os seus homens fez o estremecer e sabia que a qualquer momento, alguém ia bater à porta. Por mais que aquela faísca de ansiedade refrescava em seu peito, sabia disso. Não queria que sua esposa acordasse. Embora, viera dos mortos, já sofrera demais. Ele não ia permitir que mais homens fossem mortos.

Seu dedo circulava um anel na velha mesa de madeira. Parecia um ponto inconscientemente que já tinha delimitado para o local na qual iria. Inventaria alguma coisa para a sua esposa e partiria o mais rápido possível.

Pensando daquela forma, percebeu que a mulher, a bruxa que viera, depois de adentrar a floresta. Soube, que não conseguiria voltar. Sua cabeça pensava um milhão de coisas ao mesmo tempo. — Como poderia fazer para não pensar em nada? — Onde estava aquele círculo vazio? — Tinha que possuir uma paz incompreensível, e essa paz ele não tinha. — O que ia fazer? Havia tantas perguntas e não conseguia responder nenhuma.

— Está sem sono?

— O que faz acordada?

— Eu te fiz uma pergunta antes?

— Tome, mais esse lampião, ainda está muito escuro para se alimentar.

— Perdi a fome.

— O que te aflige tanto, meu esposo?

Radu bateu fortemente a mão sobre a mesa e pela primeira vez, não se importou com as crianças.

Inara se espremeu por traz de um manto que trouxera.

— O que você e aquela bruxa de parteira fizeram? — Vocês sabem que já foram dois homens que foram engolidos por suas maldições? — Você sabe que essas duas famílias precisavam de um pai para o sustento de seus filhos? Acrescentando fracamente com a voz entre o choro e o medo. — Que eu terei que manter o pão em suas mesas, porque por mais que eu tente ser em vão, não me importar, eu me importo.

— Radu, você é um bom homem. Eu sei que jamais deixaria de faltar com aquelas famílias. E, confesso, eu deveria ter ficado onde eu estava. Eu tinha desejo de conhecer minha filha, pegá-la e amamentá-la. E, nem isso, eu posso fazer. Enquanto eu esperava sair o gosto da erva do leite e do remédio, meu leite secou. Eu sou amaldiçoada, seca e vou tentar parar isso.

— Não sei o que me aconteceria, se alguma coisa incidir a vocês. Fique em casa e eu vou até a floresta *lacina laceê*.

Inara chorou e aos meios as lágrimas dissera que iam juntos. Aquela maldição era culpa só dela.

— Proíbo que vá até lá! — Dissera Radu.

Àquela altura, o choro e a batida na mesa com os cochichos acordaram a ama de leite que dormia na casa, ouvindo sem querer a conversa dos dois.

Por mais que Radu esperava alguém bater a sua porta, ninguém bateu. Ele sentia a dor daquelas crianças e a dor que consternava no peito de mais uma viúva.

De manhã a ama de leite havia dado o suficiente para Yandra.

— Aonde vai tão cedo Camby? — Disse Inara.

— Preciso resolver alguns assuntos particulares, senhora.

— Por favor, não demore.

— Tudo bem.

Camby cobriu a cabeça com um xale rosa escuro, se acomodando do ar que regelava o seu rosto. A pressa em seus passos deixou Inara desconfiada. Mas, entrou e deixou que a sombra de Camby desaparecesse por trás das árvores.

Camby chegou na porta da casa de Moara e dissera o que ouviu. As pessoas estavam olhando-a pelos ombros e um pequeno grupo de pessoas iniciou o motim.

— É ela! — Todos olharam.

— É ela que amamenta a criança da bruxa!



Camby cobriu a cabeça e Moara a levou para dentro. O motim havia criado e pelos motivos errados. Não havia forma de desfazer o que haviam feito. As pessoas atiravam pedras na porta de Moara e disseram que iam queimá-las. Elas e Ceci.

— Como vamos proteger Ceci?

Camby e Moara ficaram encolhidas ouvindo a discussão que se alastrou lá fora. Quando de repente, ouviu a voz do senhor Enache. Aliviadas, de alguma forma.

— Voltem agora para as suas casas ou terão um motivo de verdade para queimar alguma coisa, e serão vocês.

Enache colocou ordem com mais três ou quatro cavaleiros com as suas armas bem carregadas. Ele era um homem digno e que ia defender a família Radu de qualquer forma.

Elas não foram salvas porque eles queriam salvá-las, mas porque tinham um nome a zelar, e esse nome era *Radu*.

Se, de alguma forma a ideia de bruxaria não fosse para percorrer a aldeia, isso, já havia sido feito.

Mulheres e crianças passavam em frente a janela de vidro esfumada do orvalho, como numa procissão, as mesmas mulheres que foram com as velas

acesas no dia do nascimento de Yandra. Agora, elas estavam indo cravar a ideia de que mais um homem foi morto e que era marido de uma delas, o segundo homem que desapareceu e que o enterro foi simbólico. Porque não havia corpo, apenas sofrimento.

O rosto enfraquecido pela dor, pela angústia, pela derrota, pela perda, alterou todos os aspectos na aldeia. As pessoas se tornaram hostis, os olhares ameaçadores e a confiança tinha acabado. A união que antes moldava a história da mestiçagem iniciara uma guerra. Moara deixou escapar uma lágrima enquanto puxou de volta a cortina selando o destino de Yandra.

Havia ter que passar um bom tempo até que a menina pudesse liderar. Se Pădurii não engolissem todos.

Jaques Enache bateu na porta de Radu. O que foi uma surpresa para a senhora Inara. Ele não ia com frequência em sua casa, por mais que era o braço direito de seu marido. Ele tinha ordens para cuidar da casa de espião. Para ver se a aldeia estava protegida por forasteiros.

— Entre, senhor Enache, ele já vem. Sente-se e tome um café.

— Como está a sua criança?

A pergunta foi pega desprevenida, assim, como a sua visita.

— Está bem.

— Posso ver a criança?

Inara hesitou, mas como ele era o homem que o seu marido confiava, fez um sinal que sim.

Enquanto olhava a bela criança, com as mãos aparentemente para traz, percorrendo um medo sobre aquele pequeno ser, dissera que de algum modo, bem esclarecido que aquela linda criança trouxera a *morte* para os homens da aldeia, e a *prole* deles teriam que terminar.

Quando ele olhou de volta para Inara. Ela estava congelada de medo, puxou a menina de seu aposento, segurando a criança com tanta força sobre seu peito, que esmagá-la-ia se seu esposo não entrasse naquele momento. Ela saiu apressadamente, sem dizer nada.

Radu olhou-o e disse.

— Você teria coragem de me trair? — Ousaria?

— Eu sinto muito, Radu. Mas, ou é a criança que os demônios querem, ou são todos os homens da aldeia, *um* por *um*. Tudo terá acabado, não haverá homens para o trabalho nos campos, nas lenhas e nos minérios. De alguma forma, as crianças e as mulheres morrerão de fome.

Radu e Enache ouviram bater à porta.

Inara corria desesperada com a criança no colo.

— Não a deixe ir, senhor Radu. Vão matá-la junto com a criança. Já tive que acabar com um motim agora a pouco. Estão chamando-a de *bruxa*. Estão fazendo um cortejo aqui perto.

— Volte, Inara. — Gritou Radu. — Pegue o cavalo e vá atrás dela agora! Traga ela e proteja-as com a confiança que possuo em você!

Radu olhou-o nos olhos e deu um breve tapa nas costas.

Enache armou-se e deu dois tiros para cima afugentando as pessoas que havia no caminho. *Eles não tocariam nelas. Ele estava certo disso.*

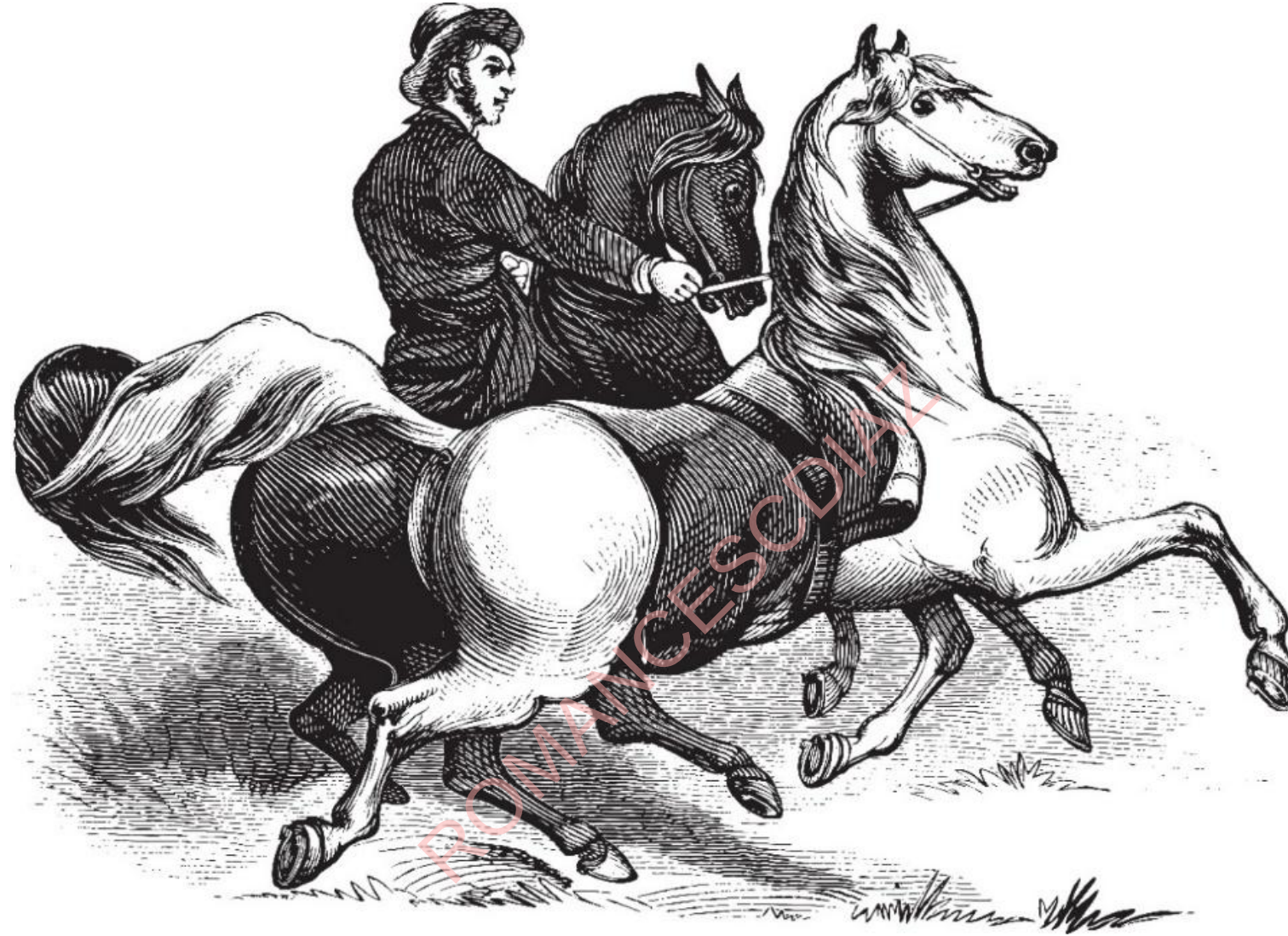
Radu deu a volta para pegar o seu cavalo mais rápido.

— Vamos, hoje eu preciso de você meu garoto! — Vamos *Dominik!* Deu dois tapas leves no traseiro do cavalo. Subiu e ordenou as crianças esperarem Camby.

Inara conhecia um atalho que poucas pessoas da aldeia sabiam de sua existência. O caminho era entre as pedras e levava-a direto para o meio da floresta envenenada. A criança não corria perigo, mas, ela sim. Como ela era a causadora dos eventos, iria até as fadas desfazer o que fizeram no limbo. Elas, as fadas do amor pediram em troca a generosidade. E, isso, ela tinha. Já as fadas, irmãs de *Leana* queriam os homens da aldeia porque se alimentavam do sangue, do vigor. Mas, ela não havia pensado que sem eles não haveria trabalho. Tudo ia terminar naquele dia. E ela não sacrificaria a vida da sua filha, a nova líder da mestiçagem.

Quando Enache chegou acima do morro, já na ponte dos enforcados viu que a senhora Inara entrara com a criança no colo na densa floresta. Ela conhecia o atalho. Olhou para traz e o viu. Seguiu de volta e sumiu entre as matas e pedras.

Enache venceu o seu medo, bateu no cavalo e avançou a marcha. — *Eu dei a minha palavra que ia levá-las para casa.* — *Corre, cavalo! Chicoteando-o.* O cavalo corria e em desespero pela sensação de meios sobrenaturais parou na entrada da floresta, esquivando-se. Enache foi arremessado e bateu com a cabeça ao chão. Radu o encontrou pelo caminho e suspirou profundamente.



Continuando a chicotear o seu cavalo que corria em fúria também parou na entrada da floresta. Radu segurou-se firmemente e pulou batendo fortemente a perna numa pedra. Adentrando-se lentamente, arrastando-se na escuridão da floresta venenosa. — *Não posso pensar! — Eu as amo! — Leve-me no lugar delas, por favor, leve-me no lugar delas! Leve-me!*

Caiu ajoelhado entre as folhas secas num choro profundo. As lágrimas que escorriam da sua face ressequida da idade vieram a ser tocada por dedos cintilantes e sedosos.

Numa voz suave e penetrante dissera.

— *Não abra os olhos, continue assim, vou trazê-las sãs.*

Sua voz era cantada num som de harpas.

Radu continuou com os olhos fechados e uma mão forte a puxou. Era Enache.

— O que está fazendo?

— Não posso abrir os olhos.

— Por quê?

— Acho que uma fada me tocou, ela dissera que vai trazer a minha esposa e a minha filha sã.

— Essa floresta deixa as pessoas malucas. Vamos sair daqui, levante-se. Eu o ajudo.

— Vou ficar assim, ajoelhado, até ela trazê-las para mim.

O tempo havia passado.

Radu não aguentava mais e foi arrastado por Enache para fora da floresta. — Não podemos passar daqui, e não fomos a lugar algum por causa da sua besteira de que foi tocado por uma fada. Agora, já é tarde, temos que ir. Ela mentiu para você ou você pensou ter imaginado que uma delas te tocou.

Radu estava consternado. E, pensou depois de algum tempo, que essa foi uma forma de mantê-lo lá. Elas não sentem a dor de um pai ou de uma mãe. Elas todas são más.

Radu e Enache subiu em seus cavalos que se recusavam entrar na floresta. E, depois de ser convencido de que se alguma coisa acontecesse com ele, os filhos dele não teria uma mãe e nem pai. E, ele teria que voltar para casa, para os seus filhos.

Destruído pela dor de que foi enganado, pensou secretamente em ir à casa de espião e sugeriu que ele não fosse lá aquela noite porque ele iria ficar de lá olhando os forasteiros. Queria fazer alguma coisa ou ia enlouquecer.

Moara e Camby estavam na porta esperando que trouxessem Inara e a criança. Mas, ele chegou só e desmontou-se do cavalo numa ira absurda.

— *Não tem nome o que fizeram!* Disse raivosamente olhando para Moara.
— Traga-me Ceci. Ela irá comigo a *casa de espião*.

— O que quer com a menina? — Indagou perplexa.

— Ela vai cantar até morrer, se tornará uma cigarra, vai partir ao meio, senão trazer aquela *maldita fada* novamente!

— Ela não tem culpa!

— E *quem* tem? — Não estou culpando-a, mas ela trouxe e trará de novo. Quantas vezes, for preciso.

— Eu implorei para ela cantar. Ela não tem culpa.

— Você sabe cantar a voz delas?

— Não. Não senhor. Só conheço os rituais.

— Então, vá e busque-a. Traga-a aqui ou terá uma chance de conhecer uma parte da minha ira.

Camby chorava e se lamentou de que a senhora Inara não tinha leite e a criança morreria de fome.

— Ninguém vai morrer! Disse Radu impaciente. — E, ande logo, Moara. — Ainda está aqui?

Moara saiu apressadamente.

— Camby. Cuide das crianças, por favor, se algo me acontecer.

— Tudo bem, senhor Radu. Eu as protegerei com a minha vida.

— Eu sei. — Respondeu. Jogando o resto de água de uma cumbuca.

Vinte minutos pareceu uma eternidade. Impaciente, Radu foi aprontar o cavalo, pegou a sua melhor arma, sabendo que o *ser* que iria enfrentar não morreria dessa forma, era apenas por desencargo de consciência.

Seu filho mais velho perguntou da mãe e ele dissera que tinha se ausentado um pouco por causa do bebê.

— Pai, eu estou com medo.

Radu olhou-o e argumentou alguma coisa como *então, não tenha*.

— Senhor Radu. — Moara chamava.

— Estou bem aqui, saindo detrás do cavalo com a sua arma.

Ceci deu dois passos para trás.

— Não se preocupe, não vou matá-la, ainda é uma garantia de que a minha esposa e filha voltarão para casa.

Enache não sabia o que fazer e rodava de um lado para o outro.

— Não posso deixá-lo ir sozinho. A sua perna está ferida. Pode precisar de um homem para ajudá-lo na busca da sua esposa e filha.

— Podemos ir, se me prometer que fará o que eu pedir.

— Sim. Farei.

— Venha Ceci, eu a coloco no cavalo, pare de chorar.

— Cuide dela, por favor, deixe-me ir.

— Não precisamos de mais uma bagunça em nossa aldeia.

— Posso falar, senhor? — Indagou Ceci.

— Fale.

— Eu não sei os rituais. Eu apenas canto, e não é um dom, é mais uma *maldição*.

Radu não aguentava mais ouvir aquela palavra.

— Suba Moara, no cavalo de Enache. Iremos partir agora!

Enache a puxou imediatamente e partiram para a *ponte dos enforcados*.

A cavalgada zunia entre o vento matutino de uma manhã esplendidamente linda e horrível no coração. Eles partiam para uma luta estranha onde não havia guerreiros, mas uma voz inebriante e contagiosa, na qual levavam homens e medos.

Quanto mais o cavalo corria, mais ele açoitava. Ninguém podia calar o seu coração e o seu ânimo. A sua alma corria para o perigo, para as lamúrias infinitas de uma alma sem redenção.

Ceci segurava-o com as unhas, de medo de que o cavalo relinchasse aos prantos do açoite.

Moara não tinha reação. Mas, Enache sugava o ar e enfrentava o medo e o seu destino como um homem valente. Ele era apenas mais um dos homens que parecia não temer a morte. No entanto, no momento fatídico, ninguém poderia dizer o mesmo. O que sentiam, jamais poderia dizer. Ela apenas levava.

Radu ia contra o vento tranquilo naquela manhã de sol. O tempo parecia estar junto deles, mas ao meio de um sol escaldante, nuvens dançavam ao meio do céu criando energia de cores e enchendo de água. Os oceanos aflitos e deuses

zangados começavam suas batalhas. O monte na qual levava-os chegara. O caminho para o meio da floresta estava surtindo um tipo de neblina misteriosa.

Enache gritou.

— O que está acontecendo?

— Não tema. Enfrente. Não vou parar até encontrá-las.

O cavalo se recusou quando chegou naquele ponto.

— Desçam! Vamos entrar.

— Vamos a casa. É mais seguro. — Replicou Ceci.

— Não poderia vencê-la assim, senhor Radu. — Não é desta forma que poderá enfrentá-la. — Gritou Moara.

— E como a enfrentarei? — Não tenho medo dela, tenho pavor do que ela faz.

— Eu trouxe as ervas nas quais encontrará ela.

— Quais ervas?

O cavalo continuou a cavalgar em outra direção, recusando entrar na floresta.

— Você vai vê-la esta noite!

A frase mais bem feita, temerosa e como acertara precisamente o peito de Radu.

— O que queria dizer com isso? — Ela era tão pragmática assim? — Mortal?
— Estarei pronto?

Enache arriou os cavalos na entrada coberta da pequena casa e entraram. O tempo de sol tinha se transformado em tempestade. Essa era a forma dela querer fazer contato. Ela o queria, ou precisava de um ser para se alimentar. Mas, todos conheciam as fadas boas, as más, mas ainda não conhecera Pădurii. A rainha delas.

Essa era a personificação das fadas que comandavam o submundo. Ela ia se apresentar, se de bom agrado, quisesse.

— O que aconteceu com o tempo? — Agora mesmo estava sol? — Dizia Enache sem saber o que fazer.

— Eu não estou nem aí para o tempo. — Só me diz como isso funciona Moara.

— Aquietem, todos. — Feche as portas e janelas Ceci. — Traga os candelabros, Enache. — E, você senhor Radu, deite-se aqui no chão.

Enache sorriu.

Radu olhou-o e como se ele acreditasse em alguma entidade, viu nos olhos do amigo uma exaustão. Ele faria o que fosse preciso para aquilo terminar.

— Desculpe.

Os candelabros estavam postos um em cada ponto cardeal.

— Hoje está diferente daquele dia senhora Moara. — Disse Radu. — Por quê?

— Logo vai saber.

— Do que está falando Radu? — Disse Enache.

— Moara pediu para que todos dessem as mãos, invocassem as suas preces pessoais em silêncio. Cada um com a sua fé. Não precisava acreditar em fadas, em demônios, em entidades maléficas, só fizessem as suas preces de coração. Pois, Deus conhecia os seus medos e deles não iriam ser aniquilados porque todos têm medo de alguma coisa. O mundo é um lugar repleto de seres e não acreditar neles, seria destruí-los e destruindo eles, destruiriam a si próprio. Porque a obscuridade é um campo em que nós não podemos designar por inexistente. Mas, por incompreensão.

Depois destas palavras, Enache fechou os olhos. Ceci se acomodou serena e Radu resplandecia uma calma inexplicável.

Deitou-se como uma ovelha ao matadouro, silencioso, convencido de que o seu destino era aquele. Pronto. Ele faria qualquer sacrifício, ele sentia o amor que muitos não compreenderiam. Ele as amava, e esse amor era intenso, vibrante e arrebatador. Essa era a forma pura na qual Pădurii queria, a alma em reflexão, destemido. Ao contrário das outras, ela os queria astutos e corajosos. Ela se alimentava pela força vital. A força subjacente da alma em processo de aniquilação. O homem másculo, forte, completo e viril.

Moara tinha o dom de deixá-los à vontade.

Todos estavam em sintonia com o momento, e Radu sabia que se Moara não tivesse ido ele ainda estava fora de controle, com raiva e nada conseguiria fazer, a não ser chorar pela perda e pela decepção.

Moara acomodou-os em seus lugares ternamente, *Radu era parte do norte, da terra. Ceci do oeste, da água. Ela do Leste, do ar*, a que levaria a mensagem. E, *Enache aquela manhã, seria o Sul, o fogo*. Deixá-lo-ia, pronto para aparar o seu ego, a sua dúvida e lapidá-lo de suas errôneas e equivocadas leis de crenças. Todos estavam no lugar certo. Serenos, tranquilos e repletos de devoção.

As velas acesas em seus candelabros. O Norte com a luz que traria Pădurii, o Leste que invocaria e levaria a mensagem pelo poder dos ventos. O Sul que manteria a temperatura dos dois mundos. E, o Oeste que inundaria tudo pelo canto de Ceci. A energia deosil estava pronta. E, elas teriam que estar também.

— Tome. — Ordenou Moara.

Moara estendeu uma taça de cobre bem polida que ao erguer a altura de sua boca, ele viu o seu rosto de volta, e era um rosto que cobria parte de seu medo transformado por piedade.

Ele estendeu a mão confiante. Pegou a taça e engoliu uma dose amarga como seu próprio âmago. Era *absinto*.

— Tome e repasse ao Enache.

Moara olhou para Ceci que suavemente iniciou o seu canto de clave. O tom de piano antigo tocado numa casa solitária. O eco estendia aos cantos numa

entonação que arrepiava a nuca e o coração. O tom levou-os ao um mundo meio distante. Perdidos por uma bebida alucinógena estavam dormentes. O som que ninava até os homens mais fortes da aldeia, agora numa soma de infinitos sons que os deixava inertes ao mundo dos sonhos. Tão frágeis e obsoletos, tão mansos e fáceis de manipular. Era assim, fracos em seu mundo, fortes no dela.

Acordem, com o som da clave,

Durma espíritos do anoitecer,

Sinta o seu corpo etéreo renascer

Entre os espinheiros negros florescer!

Abra o portal do oeste

Para que Pădurii olhe,

O homem que veio dizer

O quão devotado és,

Em busca de sua amada

Vai ao encontro com a sua melhor arma,

O amor e metade de sua alma.

O som de sua voz logo os deixou leves e num transe dormiram, Ceci continuou, mas os portais dos sonhos já haviam sido abertos e todas as cores de marfins estavam ávidos no mundo deles.



ALÉM DA COLINA

Além dos sonhos, há um lugar seguro, onde em outras dimensões
comungam os seres. Mas, lembre-se, de acordar entre as camadas para
que o perigo real não entre no seu mundo!



ALÉM DA COLINA

*A*lém daquela colina havia um mundo diferente, na qual nem em sonho ousaria sonhar.

Despertou no meio de galhos e raízes, pedras e flores que cresciam nos frisos delas, nos seixos dos calhaus. O ar raro, como se não existisse, sereno, tranquilo e sobretudo, silencioso. Apertou os olhos e nitidamente uma voz muito longe feminina repetia um som hipnótico. Sem ruídos, sem insetos zunindo e aves gralhando. Mas, dentro daquele silêncio, havia uma voz ordenando tal efeito. Sua respiração começara a ficar alta, o som de dentro do seu corpo era tão alto que sentia medo de ouvir o seu coração. E, quando ouviu o som do seu coração a fada se apresentou. Ela era o ser mais meigo e lindo que já vira. Ele tivera que olhar para baixo quando ela se agarrou ao seu braço.

Era um ser encantado da floresta que se apresentou a ele como realmente era. Pequena, feita de éter, inteiramente branca, de asas transparentes e que se ela o tocou foi por intensa gratidão. Ela o amou, assim como amava a sua filha. A pequena mestiça.

Ela iria ajudá-lo. E ele imensamente surpreso emocionou-se ao vê-la.

Ficou chocado com a sua presença e quase disse em palavras o quão estava arrependido de dizer que todas as fadas eram malditas. Porque entendera naquele instante, que não se tratava de *todas* elas. Pelo menos, não *Pădurii*. Ela era um ser encantado e poderia se apresentar com a forma que quisesse. E, ela sabia que poderia se apresentar genuinamente como ela era. O que o deixou feliz.

Tudo que ele queria e daria a sua vida era para encontrar a sua esposa e filha. Ele mereceu tal dignidade, e ela o ajudaria para que ele as levasse para casa.

Seria importante que ele soubesse que não havia motivos para falar, apenas pensar e ela olhou-o serenamente e ele entendeu.



Sua filha e sua esposa estavam em poder das irmãs de *Leana*. Elas eram fadas neutras. Só usá-las-iam para alegria momentânea, depois deixá-las-iam em algum lugar. Mas, a floresta era má por natureza. A natureza de gaia deixou os seus remédios mortais, os venenos, para impor limites por *quem* passa por ela sem deixar nada. Algo havia lá, os seus segredos, quem via o seu rosto, tinha que saber que não voltaria para casa. Ou, elas teriam que mantê-los uma boa parte de suas vidas lá, até que ao se sentir fracos demais no outro lado dos sonhos, poderiam esquecer do que viram, esquecer dos seus sonhos, apagá-los de suas memórias. Ali, era um lugar sagrado para elas. O respeito e o silêncio era uma virtude inviolável.

Então, ela cantou!

Acalma seu coração

Deixe-o livre!

Bater a seu tempo

Levando em cada pulsar

A melodia dos deuses

O som que martela suave

A vida dentro de você

Seja gentil

O emaranhado de algodão doce

O que faz os sonhos

Saltarem entre as camadas

Vibrando de alegria

Pousam entre as fendas do tempo

Espiam outros mundos

Ficam devotos dos milagres



Entram e saem

Sempre que querem

Voltar para casa

Pãdurii liberta

As asas do sonhador

Seja doce, como algodão doce

Livre de pensamento rústico

De dores inventadas

De mágoas



Pãdurii renova

As camadas do sonhador

Ao ninar uma criança

Pãdurii estende as mãos

Eleva em seu mundo

E, mostra o seu reino

Assim, são para todos

Que sabem conhecer a pureza

Do sentimento alheio



Ela conhece cada pulsar

E dança com o tilintar

Pădurii se encanta

Com quem sabe amar!

Quando Pădurii cantava as outras fadas se calavam, essa era a lei. Havia um clã, onde quer que fosse. Todas queriam cantar, mas sabiam que quando a voz mais estridente da floresta se exaltava, alguma coisa merecia a honra de que alguém tinha que colaborar e se apresentar por algo inapropriado. Naquela altura, sabiam da filha e esposa de Radu. Se recusavam em entregar elas. Queriam a menina, elas queriam porque naquele mundo só tinham *posse* dos seres das crianças que sonhavam, e ela era real. Elas queriam a menina de carne e osso. Conseguiram sentir o cheiro dela. E elas sabiam que o cheiro da menina era doce.

Mas, ali havia um pai desesperado. A menina era dele e ele tinha que levá-las para o outro lado.

Tudo incendiou com a sua voz, um zumbido atravessara seus tímpanos e ele não conseguia mais ficar em pé.

Um homem se prontificou ao seu lado, com pés de animal e uma aparência muito estranha. Tocava algo para a fada e o som estava deixando-o sem sentido. Pareceu que tudo estava confuso, lamentavelmente confuso.

Adormecendo profundamente, sem esperança de ver novamente aquela bela fada. Ao fechar os olhos viu uma última vez, a imagem de um *ser sagrado* tocando algo e repleto de alegria que não se continha dentro dele, desmaiou.

Um mundo na qual em inúmeras vidas jamais exploraria, lugares e seres que jamais tocá-lo-ia, não seria digno de ser tocado, não seria digno de ouvir as suas canções, de amedrontá-los, de fazer mal. Eram seres benfazejos, de luz, de uma alegria imensurável, de esplendorosa afeição que jamais uma pessoa de seu mundo sequer compreenderia. Mas, ela estava lá, não era um sonho, se recusava em acreditar que era um sonho.

Acordou.

Tudo parecia sombrio, frio, talvez, mais que frio. Estava congelando. Tudo tinha perdido as cores, tinha ficado cinza. Tocou em uma folha, era cinza, mas

ainda era real. — Teria ficado preso dentro daquele mundo? — Onde estava aquela bela fada? — A que tinha tocado o seu braço esquerdo?

Se recusava em acreditar que era um sonho. Não havia nada lá. A não ser as árvores, as folhas que se desprendiam delas, do chão cinza, dos troncos cinzas, das flores que cresciam no meio das pedras cinzas. — Tinha ficado louco?

— Por que tudo tinha se transformado numa imagem cinza?

Um zunido e depois uma bofetada.

Os seres que antes eram dóceis se transformaram em seres hostis.

— Onde está ela? — A boa fada?

— Essa camada do sonho é nossa.

— Onde estou? — Por que me deixaram aqui?

— Não respondemos suas perguntas. É a nossa lei. Terá que descobrir sozinho, ou sofrerá as penas duras leis desse lugar.

Uma fada muito sombria dissera. Mas, ele não conseguiu decifrar onde estava. Não entendia nada de sonhos e nem sobre as camadas.

Uma voz cutucou-o.

— Preste atenção! Parecia a voz de Moara.

— Acalme-se. Respire.

A voz era dentro da sua cabeça.

— Ouça-me! Enquanto a voz doce de Ceci ao fundo regia o seu mundo posterior.

— Estou ouvindo. Pensou.

— Você está a níveis abaixo do mundo das fadas. Está numa camada bem abaixo. Na quarta dimensão dos sonhos. Neste lugar há fadas, mas há um mundo de hostilidade. É um paraíso, mas o paraíso dos mortos, dos heróis, dos proclamadores de feitos. Há muitas charadas, terá que ser muito esperto.

— Por que vim parar aqui? — Me pareceu que Pădurii gostou de minha presença.

— Ela o vigia, mas não pode ficar no mundo dela porque se estiver lá, não poderá libertar a sua esposa e filha.

— E, quando poderei partir? Não gostei daqui.

— Essa é a parte de que irá gostar menos.

— De que parte?

— Da parte que não poderá vir até ela dizer que pode retornar.

Um suspiro ouviu quando a voz fora cortada. Um silêncio horrível dentro da sua cabeça e o som de Ceci que se perdeu. Tudo ficou mais escuro, o cinza tinha se transformado em preto.

— Tudo foi uma armadilha! — Covardes! — Malditos sejam! — Só queria ver a minha esposa e a minha filha. — Qual foi o mal que os fiz?

Seus pensamentos se perdiam entrelaçados na angústia que sentia, e naquele nível todos os seres se alimentavam de sua ira.

O CANTO ESQUECIDO DAS TRIBOS

E

nache já tinha despertado, trouxera em seu cavalo Inara e a criança.

Ceci estava desconsolada que o seu canto tinha trazido tanto desconforto para a família Radu. E, Camby mal tinha colocado a menina no colo para amamentar quando uma tempestade iniciara. A menina estava faminta.

Todos estavam na casa de espião. Apenas Radu estava perdido no meio de um sonho na qual ele não dominava. Ele teria que despertar logo ou o seu corpo passaria a definhar.

Moara ordenara que todos ficassem bem quietos. Camby colocou a menina para dormir. Ceci queria ir embora, mas não conseguiriam levá-la. Enache pediu para que ela se acalmasse enquanto pensava o que fazer.

— Não há nada para fazer. — Disse Moara. — Terá que ficar aqui até que o mau tempo passe. Indo embora não resolverá o problema.

Radu ainda dormia.

— Inara me ajude aqui. Espalhe o sal em volta do corpo dele. Ele está perdido em alguma camada. Isso vai nos dar tempo e vai protegê-lo. Você terá que ir e procurá-lo, *usará um pequeno sino na mão esquerda e o espinho mágico* na outra mão, ficará atenta porque eu serei o seu guia. Enquanto ouvir a minha voz, estará segura nas primeiras camadas do sonho, senão encontrá-lo, sacode a mão direita. No mundo das fadas é o inverso do nosso.

— Eu tenho que encontrá-lo!

— Encontrará, senhora Inara.

— Se eu não voltar, cuide dos meus filhos.

— Não diga isso, eu sei que vai voltar.

Ceci e Camby choravam. Enache, pela primeira vez, em toda a sua vida compreendeu que naquele mesmo mundo que viviam, não tinha ideia do quanto estava enganado sobre o mundo mágico. Sentado, com os cotovelos sobre os joelhos, fechou os olhos e pareceu respeitar aquele mundo que sequer entendia. Todos precisavam de Radu. Ele era a esperança das pessoas que precisavam do pão em sua mesa. Ele era um homem bondoso, generoso e gentil, merecia o retorno para a casa.

Inara deitou-se e Moara passou os dedos em seus olhos como se estivesse enviando bençãos. Naquele instante Ceci aproximou-se e cochichou algo no ouvido de Moara que a fez estatelar os olhos.

— O que houve, senhora Moara? — Perguntou Enache.

Ao ouvir a voz de Enache, Inara abriu os olhos.

Moara baixou-se ao ventre de Inara e então dissera que Ceci sentia em cantar a *voz dos pássaros*.

A voz dos pássaros era o um tipo de canto que há muito tempo não era cantado e se tivesse que ser entoado por alguém que estivesse perdido entre as camadas do sono, era porque essa pessoa não acordaria mais no mundo dos vivos. Talvez, ele o profanou e chamou seres que as fadas odiassem em seu reino. O canto do pássaro já nem era mais usado em nenhuma tribo, muito menos na mestiçagem, uma linhagem inovadora, elas não reconheceriam.

O canto teria que ser levado por um coração puro, a voz teria que atravessar *os rios e terras escuras e quem* o cantasse poderia perder a vida. Caso, as fadas quisessem trocar o moribundo pela voz que despertaria um *novo reino*. E, nos tempos que seguiam não havia seres tão gentis, puros e tão bem feitos. Ninguém conseguia amar o outro de uma forma tão generosa.

Enquanto, Moara estava explicando a senhora Inara e ao senhor Enache. Ceci estava ao lado e havia feito o ritual para o canto. Ela soltou dois dos seus botões que apertava o seu peito e ritmou a garganta para soar a voz que quebraria até os vidros.

Inara olhou-a e sentiu uma vibração de amor que jamais sentira por ninguém. — Você morreria para trazer o meu marido de volta?

— Eu iniciei o canto quando a senhora estava entre os dois mundos. Eu sinto essa culpa, e todos da aldeia precisam mais dele do que de mim.

— Mas, você é tão jovem. Pode nunca mais voltar. — E, se alguma fada escolher a sua voz, o seu canto e a sua vida? — Ficaria por ele?

— Primeiro temos que ver o que elas irão escolher, Moara vai decidir a melhor opção e se, ela decidir que eu tenho que ficar lá, então, eu ficarei. E, não se preocupem, está tudo bem.

Ela dizia com os olhos cheios de lágrimas e com um certo pavor.

— Posso perguntar algo, menina? — Disse Enache.

— É claro, senhor.

— Aprecio a sua coragem, e por essa família, por Radu e por sua decência, eu a deixarei levar-me em troca da sua vida. — Pode confiar em mim?

Entre lágrimas, Ceci balançou a cabeça que sim. Mas, entooou algo como, se elas a escolhesse, ele não poderia cumprir a sua promessa.

Enache olhou-as e com os olhos marejados de lágrimas estava irresoluto com aquela realidade.

Inara voltou a fechar os olhos e arqueando para soltar os cabelos, fez um tilintar do sino que estava amarrado em seu punho.

Pela primeira vez, elas viram que Enache estava mergulhado numa realidade desconhecida e chorou por não conseguir domar a tempo as lágrimas que bravamente escorriam da sua face.

Ceci estava pronta, talvez, sempre esteve.

Moara suspirou, deu um abraço em Ceci e um beijo na testa. — Eu não estou surpresa menina, apenas satisfeita. Ainda há seres que amam e que possui coragem, você será redimida pelo bem maior. Agora faça o que sabe fazer.

Ceci entoou a voz rítmica para entoar a última nota, enquanto Moara segurava na mão em que havia o espinho mágico de Inara.

— Ouça a minha voz e vague na escuridão sem medo. Direcionarei a sua mão em que está o espinho para que crave nele quando o vir. Moara pediu para que Inara abrisse um pouco a boca e levou a cumbuca, derramando um líquido amarelado e amargo. — Isso será o suficiente, agora durma.

As cortinas de seda se abrem na escuridão,

Os espinheiros negros estão entre as cores da noite

E, ao triscar o sangue dos seres,

Então, os portais se abrem

Apenas uma fresta;

Para que espiem.

Os reinos mais submersos da terra,
Estão entre o sono e a morte
Um portal tênue das camadas,
Mas, essa textura tão fina ao luar da noite
Abrem-se, rasgam-se,
Para deixá-lo-ia perambular na escuridão
Dos seus próprios caminhos,
Conhecendo lugares jamais vistos;
E, que circundam os doze portais da vida e da morte.

Ceci entoou a voz que fez ensurdecer todos do recinto.

As três palavras mais temíveis saíram da sua garganta e das suas cordas vocais como uma forma hipnótica.

— *Ibiana Iúna Ibiúna*

E, nove vezes foi cantada. Não tinha mais volta.

O OUTRO LADO DA CANÇÃO

*E*eci trouxe de volta o canto esquecido das tribos e cantou o canto do pássaro abrindo as *vertentes dos rios e terras escuras*. Lá, Inara conseguiu adentrar as terras lodosas e pegajosas, mas mergulhada em seu mundo escuro e sombrio estava quieta e gélida ao dormir.

Moara mergulhada em seu mundo, levava-a, para os lugares mais distantes da sua mente inconsciente, enquanto, Enache debruçado em suas dúvidas, medos e incompreensão se fadava ao reconhecer uma nova realidade. Se ofereceu em ir em busca de Radu enquanto, Inara dormia e se aventurava no mundo dos sonhos. Moara relatou o fato de que uma pessoa como Radu estava prestes a ficar

dormindo para sempre, até que a morte pudesse buscá-lo, e isto, bastava. Aquilo não era uma brincadeira, mas uma forma diferente de encarar mundos paralelos. Universos que milhares de pessoas jamais ousariam conhecer, muito menos, reconhecer.

Ele calou-se.

Ceci estava enjoada e pediu o mesmo líquido para Moara. Ela hesitou, mas não sabia se a menina tinha visto algo e pediu para que ela fosse com muito cuidado. Pois, poderia direcionar apenas um peregrino e não dois.

A menina jurou que havia visto algo durante o canto hipnótico e deixou que ela desse *meio gole*.

— Preciso que confie em mim, e preciso terminar essa bagunça.

— A culpa não é sua menina Ceci. É toda minha. Mas, não poderei ir contigo porque terei que cuidar de Inara, de Yandra, dos meninos e de Radu.

Mais uma vez, Moara deu-lhe um beijo na testa.

— Saiba que esse canto fora desperto por você menina e jamais ele será esquecido novamente. O canto da abertura das vertentes, dos rios e terras escuras.

Ceci fechou os olhos e dormiu profundamente.

Naquele ambiente estavam três pessoas dormindo o sono dos justos, um pequeno erro os levaria para a terra santa.

Enache e Moara estavam olhando a tempestade que formava lá fora por trás dos vidros embaçados pelo fogo da lareira.

Tudo se misturava entre as dores de alma, da impaciência, das dúvidas, dos medos, das incertezas. E, quanto mais os dois olhavam, mais nuvens reboavam céu afora, os ventos carregavam as poeiras e dançavam com as folhas que sucumbiam e rodopiavam.

O som dos ventos parecia cantar canções jamais ouvidas, algumas vezes, pareciam irados com os seres que pintavam brincar com eles. Então, eles arrastavam as folhas ferozmente num círculo mostrando a sua fúria. Arrancavam folhas, frutos e galhos desnudando árvores.

Moara sentiu como se ela tivesse cometido todos os erros de uma só vez. Mas, iria até o fim. Não desistiria de nenhum deles, ofereceria a sua vida se fosse preciso.

Moara não conseguia entender *por que* Inara não balançava a mão que havia o sino.

De vez em quando, gemia. E, Ceci sorria como se visse brinquedos flutuantes.

— *O que estava acontecendo entre os dois mundos?*

Dentro dos sonhos, onde mergulhava Inara, Ceci e Radu.

A passagem se mantinha em águas termais, escuras e por um transe Moara espiou. Dando ordens a Enache que a sacudisse em algum instante.

Todos mergulhavam densamente num sono hipnótico, mas os olhos de Moara nada via. Apenas escuridão. Ela temeu pela família de Radu. Seus olhos revirados fizeram com que Enache a acordasse. Ou ela não foi permitida ver, ou aquelas três pessoas corriam risco de jamais voltarem.

Enquanto seus olhos voltaram a vagar pelos vitrais da janela, Moara ouviu a boca de Inara tremer como se ela dissesse algo.

Dentro do sono.

A escuridão implacável foi dissipando e as imagens iam aparecendo, pouco a pouco o delinear de alguém vagando sozinho por entre as matas descortinadas de cinza e preto com um tipo de energia vibrante que possuía da cabeça aos pés. Toda a mata, todos os insetos e todos os seres podiam ser ouvidos. Inara caminhava atrás de um homem que sequer a viu ou se virou para vê-la. As camadas não permitiam se tocarem, mas permitia que ela a peregrina que buscava o seu paradeiro o encontrasse. Ela teria que reconhecer o lugar e voltar em outro momento, porque mesmo vagando atrás dele ou em qualquer direção, ele jamais a veria. E, ela jamais conseguiria cravar o espinho mágico. As finas camadas dos sonhos continham seus nichos, esses nichos tinham travas, bedelhos para os caminhantes da noite. Dominá-los, seria corresponder aos tipos de infinitudes que nos desdobramentos carregavam. Esses desdobramentos pediam tempo de treino, anos de treinos. Talvez, uma vida só não bastasse.

Inara chorou nos dois mundos e acordara instantaneamente. Com o sino tilintando em seu punho, as lágrimas que não se continham em sua face e o espinho que cravara nela mesma. A dor não seria o suficiente para o que sentia

naquele momento, ver o seu amado esposo vagando sem rumo, sozinho na escuridão em busca de algo ou de alguém que o salvasse.

Olhou ao lado e viu sem debater Ceci que adormecia profundamente, Radu que já dormia há muitas horas e ela que sentiu medo ao dormir pela primeira vez.

Moara dissera que Ceci ao cantar o canto esquecido das tribos, pedira um gole do líquido, ela dera *meio* gole e esperava angustiante o retorno dela. Como, vira que nos lábios da menina havia uma espécie de sorriso que não lhe permitia desnuviar, algo dentro dela arrancou a tristeza e uma luz de esperança tomou o lugar. Abraçara Inara e dissera o quanto a amava e o quanto ela queria alterar o passado. Mas, talvez, nessa alteração, Yandra não teria sobrevivido ou ela mesma. Uma precisava da outra e a liderança da mestiçagem teria que acontecer. Tudo já estava escrito.

Ceci.

Acordou em algumas camadas abaixo do que lhe permitia compreender. Porém, ela havia ido além da colina, um lugar muito apreciado pelos heróis, pelos que em algum momento, se sacrificou, pelos que salvaram a humanidade, ou outrem, os que perduram as próprias vidas ao bem maior, a defesa de ambos, a justiça, o correto, a verdade e esse lugar tão esplendoroso não era dia nem noite.

Acima de algo parecido com as montanhas, se via o céu estrelado, abaixo das montanhas ainda se via criaturas vagando inconscientemente em busca de encontrar os degraus. Lá, a noite era mais temível, milhares de passantes jamais encontravam os degraus de terra pura que se escondia entre a própria terra. Ramos de *sempre viva* e *espinhos* cravavam em seres que desprovidos do amor e bondade tentavam subir. Encontravam os degraus por pura sensibilidade da própria natureza, mas jamais subiam. Esse lugar era apenas povoado pelos *originários elisianos*. O *campo elísio*.

Ela estava lá, correndo e felicitando as pessoas que encontrava pelo campo. Encontrara a sua mãe, e reconheceu-a de toda a família que possuía, encontrara apenas ela. Ela tinha seis irmãos, o pai que já havia partido e a mãe que tão bondosamente ajudava os outros, uma bondade incondicional, sem restrições. Sentiu felicidade, apenas isso. Uma felicidade absoluta, porque ela estava em casa, ela sentiu isso.

Olhando abaixo da colina, viu que onde os passantes que vagavam na escuridão, um homem que bradava cegamente havia despertado outros reinos, os reinos das fadas escuras, lá, somente as *charadas* poderiam deixá-lo ir. Ele teria que compreender isso, ou jamais voltaria para casa.

De repente a colina foi desaparecendo e outro cenário foi montado a sua frente com um peculiar cheiro de terra molhada, um silêncio incessante que fazia ela ouvir o seu próprio coração. Suas mãos pareciam vibrar de energia e os seus sentidos tão aguçados quanto dos animais selvagens. Sentira imediatamente que alguém perambulava, mas esse alguém estava muito atrás dela. Ela estava distante e sentiu pela sola dos seus pés alguém que rastejava cansado da noite e da solidão.

Ficou atenta, e os seus ouvidos pareceu não conseguir mais ouvir e ela então, se virou em direção ao seu Sul e foi ao encontro desse alguém. Em sua mente ela sabia quem procurava. E naquele instante, a sua mente a levou exatamente ao ser perdido que provocara tamanha tristeza em seu interior.

Era Radu. Ele a viu e chorou profundamente.

— O que você faz aqui menina? — Tratei-a tão mal, eu a odiei e a faria cantar como uma cigarra. Agora, quem eu vejo para salvar-me, é você.

Radu não mexia a boca, mas ela entendia os seus pensamentos. Porque estavam em espírito, e os espíritos se comunicam com a mente do inconsciente, a mente bruta.

— Eu estou aqui, senhor Radu, porque tenho uma dívida contigo. Uma dívida de alma, mas não sei exatamente, se poderei ajudá-lo ou levá-lo para casa. Aqui há muitas charadas. — Tome, coloque isso!

— O que é isso?

— Um manto. Mas, *vista-se* desse lado.

Radu não hesitou e se enfiou dentro do manto. Afinal, aquela menina sabia de coisas que ele em toda a sua vida jamais soube.

— Ouviu alguma coisa ao passar por ali? — Porque eu não posso passar daqui ou eu *perdê-lo-ei* desse pedaço de sonho.

— Ouvi sim, ela, a fada. Eu sei que é a voz de Pădurii e ela está raivosa.

— Alguém já o advertiu que nas camadas de sonhos não pode dizer palavras feias ou ficar irado?

— Não. Ninguém me disse nada.

— Então, está avisado. — A propósito, o que ouviu? — É uma charada?

— Não sei dizer, mas acredito que seja.

— Então, diga-me o que ouviu.

— A voz que entrou na minha cabeça disse o seguinte, *há doze portais entre as camadas circulares dos polos, tais polos mantêm a vida e a morte e um ponto de entrada do alcoviteiro. — Onde a raposa entraria? — Por qual polo da esfera? — Ela pode ser encontrada por um atalho?*

A resposta mais razoável para alguém que não conhecia o submundo, por onde circula as esferas negativas, seria de que Radu ficaria para sempre preso entre as camadas mais submersas do inconsciente. Elas se nutririam do seu medo, das suas angústias, do seu pavor e quando não houvesse mais o que sugar, elas, as fadas, *deixá-lo-ia* perdido nas suas próprias trevas.

Ceci compreendeu a resposta imediatamente, mas não poderia dizê-lo. Ela soube naquele momento, que teria que se despedir e deixá-lo ir. Ele não poderia envolver-se em questões tão profundas do mundo dos sonhos e explicá-lo seria *a morte* para os dois.

Ela iniciou tudo e ela teria que terminar. Por isso, ela o encontrou e não Inara. A justiça era parte da balança das fadas e elas sabiam que o *canto esquecido das tribos* a levariam lá, abrindo vertentes de rios e terras escuras, cavando camadas além de sua compreensão.

Essas camadas só poderiam ser minadas por outrem, por sonhadores e não por habitantes desses reinos. Porque no inconsciente do outrem havia os *bedelhos, as trancas* que seriam destravados por evoluções, elas estavam estagnadas por camadas e por conseguinte, essas camadas possuíam traves. Traves que milhões de anos jamais se rompiam. Véus finos e resistentes como os

fiões tecidos das aranhas. Jardins incompreensíveis a mentes humanas e que por algum motivo, seres como *aquela menina alcançara*.

— *Seria o amor que ela sentia tão bravamente por outros seres? — Amor dado sem recompensas? — Ofensas perdoadas e inofensivas que os devolvia por evoluir-se e acreditar que nada que fazem são por devido propósito? — Seria o amor que sentia por gratidão e não por ter recebido algo, apenas doado?*

Ao compreender a charada, ele subiu a camada vertente por onde Pădurii o deixaria ir. Não dava tempo de explicar, o segundo de compreensão era cravado de forma instantânea. Ele apenas se foi deixando-a sozinha, atravessar outras camadas ou esperar o seu julgamento.

Tudo deixou de vibrar pela metade, no momento que ele se foi.

Ela não sentiu medo, apenas solidão. Mas, o canto das outras fadas deu para ouvir de todas as camadas como sons de águas e rugidos de fogo. As vertentes dos rios e terras escuras se abriram. E ela foi engolida novamente por outro cenário.

Em sua mente ressoou a outra parte da canção que jamais devia pronunciar, mas as letras se criaram em sua cabeça e as palavras e melodias abriram mais traves.

Ibiama, lúna Ibiúna

Vertentes de rios e terras escuras

Abrem-se mais lacunas

Camadas negativas, submersas do inconsciente

Esferas benditas, abertas à mantras

Joia cobiçada do alcoviteiro

O que tranca e destranca em um segundo e meio

O bedelho do código que de tempo em tempo se abre

Depois da lua cheia

Quatro pontos se formam



Cruzam caminhos das esferas negativas

Descem camadas

Portais,

Duas ao Leste

Três ao Oeste

Dez olhos entre as esferas

Mergulham como guardiões

Reprisam para serem descobertos

Prontos a doar

Destemidos a revelar

Sonhos descortinados



De reinos segregados

Graciosos e ocultos

Para os que sabem espiar.

Hum...

Ibiama, lúna Ibiúna

A canção esquecida das tribos

Jaz, lembrada

Para os mundos dos guardiões serem despertos, enraizados e nutridos.





CANÇÃO; SOPROU O DENTE DE LEÃO

Depois da canção soprada, Pădurii se enfada e pede que Radu deixe o seu reino com uma condição.

Soprou o dente de leão

E fez uma bela canção!

Oh! Quem veio me visitar

Um homem forte ao sonhar

Os candelabros estão acesos

As vestais estão dispostas

Com as velas no altar

Ca uma em seus portais

Venha criança, chegue mais perto

Não tenha medo do seu credo!

Minha voz é tão doce para o mortal

Que acha que está perdido

Quando não encontra um portal



Pădurii se encanta

Com quem se espanta!

Mas, venha, esse é o meu reino

O meu mundo é só teu

Se deixar fraco no seu

Pădurii foi despertada

De um sonho arrastada

— Devo deixá-lo ir?

— Já que eu não posso partir?



E, deixar que leve ao seu

— O segredo do reino que é só meu?

Soprou o dente de leão

E fez uma bela canção!

Depois da canção evocada, Pădurii bradou a Radu.

— *Cauê*, homem bom, deixarei que retornes ao seu mundo antes de definhá-lo, com uma condição.

— Qual?

— Ceci, a boa menina não voltará mais. Ela abriu vertentes de rios e águas escuras, cantou a canção dos pássaros, a canção esquecida das tribos e terá que pagar o preço, saiba que fez isso sabendo que jamais retornaria, então, foi por amor.

Radu deu um passo para traz e chorou copiosamente.

— Eu a maltratei, disse que a faria cantar como uma cigarra se ela não trouxesse a minha esposa e filha. — Oh! Meu Deus, o que eu fiz? Ela é só uma menina.

— E, muito sábia, exclamou Pădurii.

— Deixe-a ir, eu a imploro, eu fico no lugar dela.

— Não é uma opção, senhor Radu. Compreendo a sua dor, mas nada pode ser feito pelos que decidem por amor as suas escolhas.

— Tenho certeza de que ela decidiu por eu ter a pressionado.

— Ela faria isso, algum dia, por alguém ou por outra família. Fique feliz por ser a sua. Ela é bondosa, tem o coração puro e terá sua gratificação por ter aberto outras lacunas. Você não pode compreender quais lacunas e *porque* é tão precioso para nós. Ela terá um lugar de descanso, pode ficar tranquilo. Se seguir o meu comando e levar uma mensagem para a senhora que a induziu a cantar.

— Moara?

— Se é assim que o chamam. Aqui nós a chamamos de *auxiliadora das novas* almas. E, também agradecemos pela coragem dela, pela sabedoria ancestral e pela proeza que tens em seu mundo, saiba que é difícil esse dom, tente compreender que cada um em seu mundo veio com um dom, muitos possuem dons extraordinários, são valentes e lutam por seus ideais, nós os assistimos em seus devaneios durante a noite, vemos o que se retratam por sonhos, damos um

guia para auxiliá-los durante as suas buscas e nos saciamos de suas glórias. Em troca de sua mensagem, os homens de sua aldeia terão boa saúde, as irmãs de Leana, as fadas escuras não poderão tocá-los. Tudo voltará ao normal, se fizer algo por nosso reino.

Radu enxugava mais uma lágrima.

— O que quer que eu faça?

Quando acordares em seu mundo, seu corpo estará muito fraco. Tomarás força e depois de ter se alimentado, reunirá todos em sua casa, juntamente com os seus filhos. E dirá a sua esposa e a todos que se juntarem que Yandra lidera aos doze anos a nova raça de mestiçagem. Ela é a escolhida. E, alguém dará a prova viva de que a menina é especial aos *três* anos, aos *seis* anos e aos *nove* anos. A aldeia terá que enfrentar três grandes batalhas, mas vencerão. A nova mestiçagem das tribos; os *Terenos*, enfrentarão três provas de que a menina é uma guerreira e farão jus de sua descendência e linhagem, obedecerão por sua nobre pessoa e a aldeia será tão forte e poderosa que outros lugares do mundo tentarão persuadi-los, mas as novas crianças que nascerão serão tão especiais quanto ela e a raça mestiçagem banirá para sempre os curiosos de outras ilhas e o portal de nosso reino estará para sempre guardado. O reino dos adoradores do sol; os *wadi uádís*.

Esse relato é somente para você executar; tome o corpo da *menina cantora* e leve-a, ao norte da floresta *lacina laceê*, procure não deixar qualquer semelhante seu acompanhá-lo, despeça-o, nos limites do norte, dali terá que ir sozinho ou jamais voltará, tape os seus ouvidos e se oriente numa canção de proteção que eu rimarei para que continues em seu caminho. Então, encontrará um labirinto, não se assuste, seus ouvidos parecerão que vão estourar devido à pressão do nosso inferno que repulsa outros seres que perambulam. A nossa defesa é matá-los. Mas, você é um convidado, e trará para nós a menina que a transformaremos em ouro. Ela tomará de seu novo corpo como possessão e abrirá outros portais para então, fechar esse, que verá por exatidão. O labirinto é parecido como o interior de seu ouvido, se conheces, então percorrerás sem erro. Saiba que outros, para adentrar esse reino, debes conhecer as *rodas kalachakras*, resumir a hora celeste do alcoviteiro e mergulhar nas águas termais, que estão dentro da gruta. Quanto mais se aprofunda, mais fogo é gerado, e esse fogo é brando conforme a lua trabalha com o mar. — Parece muita coisa a ser gravado em sua memória, mas tudo será lembrado como as faíscas elétricas de seus neurônios.

Pădurii afastou-se de Radu, abriu os braços e deu um salto.

Radu estava de volta.

Ele se lembrou imediatamente de cada palavra. Chorou por muito tempo enquanto todos estavam a sua volta. Horas tinham se passado. O choro não parecia cessar.

Sua esposa e Moara colocavam toalhas mornas na testa de Ceci. Sua pele estava esfriando, seu corpo estava ficando cadavérico. Nenhuma palavra saía da boca de Radu. Ele tinha medo em pronunciar.

Jaques Enache pegou-o nos braços, desceu a encosta e colocou-o no cavalo, subiu e deu ordem para que todos estivessem em sua casa. Lá teriam mais recursos, sopa quente e camas quentes. Sem contar que os filhos dele poderiam estar sozinhos.

Inara disse relutante.

— O que vamos fazer com Ceci?

Então Radu acordou daquele transe profundo na qual estava e disse em espasmos.

— Não toquem nela! Saibam que ela é a razão para que a aldeia volte a ter a paz que precisamos, por nossa família, por nossa filha, pela minha vida e por todos. *Não a toquem, não a toquem, não a toquem!* Ela não vai acordar! E, a senhora Moara terá que prepará-la para eu levá-la.

— Levá-la para onde? — Onde levará a nossa menina?

Moara e Inara estavam de joelhos, balbuciava coisas estranhas e lágrimas brotavam dos olhos de todos. Até de Enache, considerado um homem rude.

— Pobre menina! Todos diziam.

Radu estava fraco, suas energias estavam esgotadas.

Fecharam a casa de espião e foram para a casa de Radu no meio da noite. Não queriam pessoas intrometidas, vigiando os seus afazeres, e prezavam por aquela menina que poderia ser comida de lobos.

Todos estavam em seus cavalos, menos Radu. Ele voltara para dentro da casa de espião dar o seu adeus, sua gratidão e dizer o quanto estava agradecido por sua vida e sua família. Ela devia realmente valer ouro, de carne, ossos e alma.

Assoprou a última vela, depois de dá-la um beijo na testa. Sua carne esfriara tão rapidamente, seus pequenos dedos esticados e colocados um entre o outro sobre seu peito. As lágrimas ainda queimavam seu rosto. — Pobre menina de ouro, da voz mais clave que conhecera, um coração mais puro que se revelou, do ser mais genuíno que tinha nascido sobre a face da terra. Tens o meu respeito, e como uma guerreira trouxe-me. Levá-la-ei amanhã, para o seu reino encantado!

Seu coração acelerou-se, suas lágrimas foram enxutas bruscamente pelo dorso de sua mão e o suspiro de uma batalha granjeada emanava de seu espírito batalhador e nobre.

O rosto de Ceci pareceu por um momento, enuviar-se, sentir-se como as suas palavras pudessem ser ouvidas. E, o tempo que ele levou lá dentro, pareceu para todos do lado de fora, no vento, que seria ser eterno. Mas, ele apareceu fraco entre a penumbra da porta, a sombra projetada de um homem que venceu uma guerra, mas ao mesmo tempo, que perdeu a sua alma.

Enache foi ao seu encontro e colocou o seu braço esquerdo em seu ombro e levou-o até o cavalo. Ajudou-o a subir e ele quis cavalgar sozinho, unir a sua fraqueza com o empoderamento e força daquela menina, ouvir a voz da noite, dos ventos e tentar criar um laço tão forte quanto a coragem de Ceci e dos deuses que antes não acreditava.

Deu um grito no meio da noite, um arremesso e cavalgou desesperadamente pela noite, deixando os olhos vívidos do cavalo levarem-no aonde quer que fosse, não se importava com a sua vida naquele momento, se a morte o pegasse de surpresa, aquele desapontamento de dor que ainda pulsava em seu coração iria ter um fim. Ao mesmo tempo, sentiu que estava sendo imprudente, ele teria que cumprir a sua promessa, afinal, a menina tinha partido para salvá-los.

Então, num estalo, ele lembrou-se das três batalhas. Teria que unir homens, força e a união de todos. Sua menina seria a líder da nova linhagem de tribos. Todos teriam que saber.

A mestiçagem iria ser a geração que fecharia os reinos, senão fosse a forma de impunidade, maldade e ganância gerada pelos habitantes da terra do meio. A união entre esses reinos poderia ser desperta por qualquer um que quisesse encontrar a força evolutiva dos *wadi uádis*. Mas, algo nos homens tinha mudado.

Certamente, essa base fronteira entre mundos, tinha que ser selada.

A CANÇÃO RIMADA DE PĂDURII NO LABIRINTO



o dia seguinte, Radu colocou a menina no cavalo e com a ajuda de Enache e do próprio pai dela teve a permissão para levá-la. O pai de Ceci era o homem que dançava para os mortos, esse dom também era reconhecido no mundo das fadas, como os *eçaís*. Porém, a mãe se recusara de todas as formas, causando motins e revoltas com alguns outros parentes mais próximos.

Radu pediu para que avisassem na aldeia uma reunião em sua casa naquela mesma semana.

Por ocasião do pedido de Pădurii, o pai de Ceci era um *Ajaguanã*, o homem guerreiro no mundo do meio, e ele seria o *porta-voz* do futuro combate que iria separar para sempre os atuais *Terenos* da *Mestiçagem*. Com essa divisão, as lacunas vertentes de terras e águas escuras estavam salvos das mãos de garimpeiros clandestinos, viajantes curiosos e pessoas que queriam descobrir as terras para explorações. Em troca, teriam um guia guardião do mundo dos inferos,

do submundo e das terras das fadas, onde o sol é negro, as água mantém suas densidades dobráveis e as pedras magnetizam a cura, seria a longevidade para todos. Mesmo assim, alguns se mantinham reclusos dessa lenda e dessa verdade. Diziam que o sol era dourado e o negro simbolizava a morte para a aldeia.

Formaram as suas próprias crenças e inculcaram dezenas de *Terenos* para uma batalha que nem sequer sabiam, que iam lutar contra as suas próprias famílias e perdurar-se-ia por longo *doze anos*. Esse combate entre crenças e dogmas se instalara quase imediatamente na aldeia, criando rixas e separando os forte dos fracos. A voz de Enache era de estremecer, ele tinha ido ao reino delas e tinha sido uma prova vívida de sua verdade juntamente com Radu. Não era um embuste, uma forma de separá-los, eles queriam união para que lutassem juntos quando fosse o momento. Mas, alguns eram apenas coelhos na história, outros tornaram-se raposas, e a separação foi inevitável.

Nos limites do norte da floresta lacina laceê.

Radu cavalgava num *brenho*, numa mata fechada, chegando nos limites do norte, na *orelha do urso*. Despede-se de Enache que o segue por toda a parte e respeita a dança que Ajaguanã, o pai de Ceci faz ao deixá-la partir com o seu destino de menina heroica. Moara tinha a preparado para o corpo não enrijecer tão rapidamente com ervas e plantas apropriadas, a menina realmente parecia dormir. Radu olhou-a por um largo tempo, apertou o maxilar e o cerro fechou-se

numa fisionomia entristecida, largando-se num tempo quase eterno, senão fosse interrompido e desperto por Enache.

Ajaguanã mostrou-se confiante e acreditou a sua filha nas mãos de Radu para levá-la, seja aonde quer que fosse, que os deuses ou as fadas reclamaram-na. Ele era um devoto, embora a sua família tivesse se desgastado pela nova sociedade materialista. Essa, era uma intolerância que ele reprimia, senão acreditasse em algo, não precisava criar motins desfavorecendo as suas crenças, ou as dos outros. A credibilidade por algo era imensamente particular, e essa crença não era algo que ele pudesse negociar. A sua palavra como o homem e chefe da família fazia dele a tomar a decisão da última palavra. O corpo dela iria ser levado e para os outros da aldeia, pessoas despreparadas, a história teria que ser outra. Haveria o ritual funerário, mas ela não desceria a sepultura.

Eles três sabiam, fora Inara e Moara que aquela decisão era em prol da paz e da prosperidade da aldeia, sem contar que em alguns anos eles se tornariam, por promessa das fadas e pela vida de Ceci, a tribo mais poderosa de toda a Colina.

Radu fica sozinho num lugar inóspito, pouco acolhedor, sente que a solidão tinha se tornado uma palavra tão insignificante, afinal, mesmo sozinho, sentia a presença de todas as coisas das quais não eram visíveis, mas que o tocavam tão profundamente, que ele conseguia sentir em sua pele.

Pădurii o alertou de que o labirinto percorreria como os caminhos de seus ouvidos, porém, sem nunca compreender de como fosse essa abertura, ele iria descobrir.

Alguns metros imergido naquela solidão, com a menina em seus braços, ele sente a pressão em sua cabeça, que o torna fraco. Levemente atordoado, sente que vai desmaiar devido a tontura. Ele tinha chegado no leste do pavilhão *gurihém*, o cantar dos pássaros. Ele ouve a voz que o reconheceu imediatamente,

a voz parecida com as águas dos oceanos, era a voz de Pădurii. Seus ouvidos estavam tapados, para não ouvir a voz das irmãs de Leana, as fadas escuras. E, compensar o som que ele teria que ouvir para que as outras não cantassem, sua voz seria a direção que ele precisava. O canto rimado.

Hãããããããããã...

Arabi, amanayara

Arani, yakenam

Amanayara, arabi

Hãããããããããã...

A voz aguda fazia-o estremecer, assoviada, sibilada e gritante. Estava sendo insuportável ouvi-la, pensou por um instante, que fosse impossível continuar. Então, quando cantava, as outras sabiam que nenhuma outra poderia acompanhá-la. E, tudo cessou.

Enfim, ele se aproxima do conduto *paraopeba*, de águas claras e rasas e hesita. Ela diz:

— Pule!

E ele salta com a menina no colo, como se o salto fosse o fim trágico de sua vida. Houve um segundo, para ter dito que não voltaria mais para a casa, mas por todos os efeitos, não havia pensado nisso.

A correnteza foi sutil e suave que os levou tão rapidamente para uma minúscula *pedra angular*. Pădurii, surge e bravamente a rapta. Ele está sozinho completamente, num lugar amplamente desacolhido. Sobre tudo, sem saber de

fato, se terá ajuda para voltar ou seguir adiante porque pelo conduto não dava para retornar.

Amedrontado, sem deixar transparecer o seu infalível temor por estar ali, ouve uma voz que vinha de cima, parecia que vinha das rochas que sucumbiam da boca da serpente, uma sombra projetada que se espelhava entre uma coisa e outra. A voz dizia para mergulhar e descer pela pedra angular e seguir, para então, fazer o retorno do lado de lá.

Mergulhou e sentiu que as águas eram termais, frias na borda e ia esquentando cada vez que se aprofundava. Ele estava entre os três níveis do mundo, os três níveis de ondas e os três níveis de amplificações, onde todos aqueles sinais eram convertidos em pura eletricidade, mas não poderia saber disso naquele momento.

Ele tinha atravessado o *canal de eustáquio*, e se encontrava dentro do *caramujo*. Devido à pressão e o cheiro de gases, sentiu náuseas. Respirou e descansou, subiu os pedregulhos e achou uma *iguaba*, e bebeu. Estava num ponto de referência lunar do labirinto, teria que prestar atenção ou ficaria preso num mundo que o engoliria para sempre.

Seguindo, encontrou um *jabotão*, uma espécie de árvore de tronco preto, nela refletia por entre as janelas ovais, e dentre os três semicírculos uma porção da lua. Em instantes, conseguiu compreender que a sombra refletida por esses ângulos ovais corria por trás do tronco, ia ascendendo para uma curvatura. Ele tinha que abraçar a sua corrida contra a noite mais temível da sua vida. Se manteve parado, observou o movimento da lua e seguiu no tronco a *jaciendi*, que girava e pendia como ramos pesados de louros.

Não demorou para chegar no monte buriti, na árvore da vida, nas costas da serpente; acima do estribo, de onde a voz saía. Lá se encontrava uma pequena

travessia do canal de eustáquio, as três partes que da serpente emanava o som vibrante.

E, na vertente do rio *Ibiamá* conectava os três níveis de água mediante o ar. A *inema*, a *ierê*, e o *iguatemi*. O sem balanço, o movimento das ondas e o rio ondulante.

Todos interconectados como três anéis.

Atravessou o pavilhão de retorno e chegou na montanha de terra, agora, era só seguir o ângulo anti-horário e a *ibiacema* seria um lugar que nem em sonhos retornaria.

A menina tinha sido levada e com ouro seria banhada.

Já no pavilhão, via de longe os cavalos arriados e quietos. Uma nuvem fechou o céu e diante dele se via uma espécie de espelho que se movia no ar verticalmente, fechando-o do lado anterior da orelha de urso. Ele gritou, mas ninguém pareceu ouvir. Dois lobos feroz estavam famintos e cada um permanecia fixo em cada ponta, onde se iniciava um único fluxo de águas claras.

Aparentemente feroz e com tamanha vontade de devorá-lo, duas fadas negras surgiram abocanhando-os. Ele, por sua vez, não queria reprisar aquela cena. Elas continuaram e o espetaram com as suas asas, fazendo-o sangrar.

Ferido e sem esperança, pensou que a sua tarefa estava cumprida e se aquele momento fosse ser o seu último, gostaria de morrer com dignidade.

Levantou-se e atacou-as, num grito.

A voz de Pădurii surgira por todos os cantos, reprimindo as fadas e secando-as por desobediência. Ele, era um homem intocável.

Seu sangue molhou as terras escuras, dando o sacrifício de um humano voltar. Haveria uma fresta, e essa fresta, somente outro poderia selar.

O CANTO DA CURA

Dois anos, onze meses e vinte e nove dias depois...

Depois daquela reunião que Radu convocou em sua casa, apenas os homens mais velhos e mais chegados de Radu, os que ainda trabalhavam o dia inteiro sol a sol e algumas de suas esposas e filhos acreditaram. Houve rumores de que a viúva de Obiru estava com um neto muito doente e ela foi até a casa de Inara para conseguir alguns remédios, a menina Yandra passou a sua pequena mão sobre a roupa do pequeno João. Ela, sendo cética, mas necessitada, reprimiu-se discretamente no banco, imaginando que todos diziam que a menina era a filha da bruxa. Mas, aquela bruxa que julgavam, era a mulher mais correta que conhecera em toda a sua vida. Ela daria tudo o que tinha para ajudá-la.

A inocência daquela criança em acariciar o pequeno embrulho em suas mãos fez estremecer de pena.

Inara colocou num cestinho de palha algumas ervas e aconselhou-a como dar a criança. Aquela criança antes chorosa e febril foi transformada em uma criança corada e sadia de um momento para outro.

Rosalina Obiru, a folha seca, deixou de ser cética e comunicou prudentemente a ama de leite da menina, dizendo o quanto estava feliz e desejou bençãos na vida de toda a família que muitos julgavam serem bruxas. Mas, não estava pronta para um debate sociológico, ela só queria seguir adiante e deixar que a família Radu pudesse se livrar daqueles julgamentos absurdos. Ela, os amava por sua generosidade, e por nunca ter faltado o pão e o leite em sua mesa, graças a Radu e a sua esposa Inara.

O sol estava prestes a entrar e alguém batia na porta. Era Ajaguanã.

Logo que Radu colocou os olhos em Ajaguanã sabia de imediato que algo estava errado.

— Boa tarde, senhor Radu. Me perdoa por eu chegar a essa hora.

— Entre, não parece que está bem.

Radu estava dizendo quando Ajaguanã foi desfalecendo entre o umbral da porta. A sombra dos alpes descortinados pelo sol jazia uma sombra de morte em seu rosto.

Sua voz era fraca e Radu teve que baixar o ouvido em sua boca para entendê-lo.

— Juarez me esfaqueou quando eu estava chegando em casa. Ele está entre os rebeldes dos Terenos, abrigou em sua casa alguns homens amotinados a matar. São clandestinos e forasteiros. Não sabemos como eles passaram, já que Enache vive na casa de espião e observa tudo de lá, quem entra e quem sai.

— Não se preocupe com isso agora, temos que fazer algo.

O assoalho encharcou de sangue e Ajaguanã estava morrendo em sua porta. Não sabia o que fazer para ajudá-lo.

Inara chegou desprevenida e deixou Yandra no banquinho para pegar água e toalhas para limpá-lo.

A cabeça de Ajaguanã pendia sobre uma parte do banquinho que Inara deixara nas pressas.

Enache soubera do acontecido e arriava o cavalo gritando por Radu que havia forasteiros na aldeia, que era para proteger a sua família, mas, ao deparar Ajaguanã entre o umbral da porta, viu que era tarde demais.

Inara chorava por todos e por sua família, seus filhos estavam aflitos e Yandra cantava algo. A voz e a língua eram estranhas. Os olhos de Ajaguanã reviravam.

Radu balbuciou a cabeça iniciando argumentos de culpa para Inara. — Minha filha não precisava ver isso. — Por que não levou ela com os irmãos para o quarto? — Cadê Camby?

A menina apenas sorria.

— Olhe Radu! — Exclamou Enache.

— O que?

— Ajaguanã abriu os olhos.

Num estalo, ele pediu para que o ajudasse a levantar. A voz não era a mesma.

— O que aconteceu? Disse Ajaguanã.

Radu levantou sua blusa ensanguentada e nada viu.

— Como? Você estava morrendo. — Onde está a ferida de faca? — Onde?

E procurava na costela de Ajaguanã como algo sem explicação. E era algo que não dava para explicar. Então, só restava ali uma menina inocente que não parava de sorrir.

— Eu não sei. Disse Ajaguanã. Só ouvi um canto estranho que entrou em minha cabeça. Não me lembro de nada.

Todos ficaram maravilhados, exceto, por Camby que chegara de repente. Pegando em seguida a menina no colo, como se o vislumbre do milagre concedido fosse feri-la.

Inara perguntou a ama de leite se ela sabia de algo, porque havia agido daquela maneira, como se estivesse protegendo a pequena Yandra.

Camby baixou o rosto e a levou para dentro. Ela sabia.

Inara seguiu-a para interrogá-la, mas logo de antemão Camby dissera que jamais diria, devido as duas serem expostas e por algumas pessoas começarem a espalhar que o dom seria porque elas eram bruxas. Tudo ia virar um circo e elas certamente pagariam caro. Aquele dom, teria que manterem em segredo.

Inara e todos concordaram.

Os homens se sentaram à mesa e comeram, se fartaram do pão de milho com ervas, torradas com mel, chá e leite, café e creme.

Tornaram-se confidentes e criaram uma ordem estratégica para enfrentar os forasteiros da aldeia. Esse, foi o laço mais poderoso entre os três.

Seriam invencíveis.

Uma semana depois...

Radu revezava com Enache e Ajaguanã para ficar na casa de espião, tudo parecia mais silencioso do que foi por toda a vida. Enache acreditava que os forasteiros entraram por sacas de milho, café e grãos, por isso, não conseguira ver sob as lentes do binóculo.

A noite caiu pesada, e a aldeia mergulhou em um silêncio inquietante. Apenas o som do vento, que sussurrava entre as árvores, parecia lembrar-lhes que ainda estavam vivos. Ajaguanã, de pé junto à janela da casa usada para vigília, observava as sombras dançarem sob a luz da lua. Ele sabia que algo estava por vir; podia sentir no ar, como um prenúncio de tempestade.

Enquanto isso, Inara, à luz bruxuleante de uma lamparina, lia um antigo pergaminho que sua mãe lhe deixara. As palavras, escritas em um idioma quase esquecido, falavam de proteção e coragem, mas também de sacrifício. Inara sentiu um peso em seu coração, como se carregasse não apenas o destino da aldeia, mas de algo muito maior. Camby, que silenciosa passava pelos corredores, parou à porta e fitou-a com um olhar carregado de compreensão.

— Você sente, não é? disse Camby finalmente, quebrando o silêncio.

Inara ergueu os olhos, surpresa. — O quê?

— Que tudo isso vai mudar. Que talvez não haja volta.

Antes que pudesse responder, Radu entrou apressado, seus passos ecoando pela casa. — *Eles estão perto!* anunciou, a voz firme, mas carregada de urgência. — Enache viu movimento na margem sul.

Inara fechou o pergaminho com cuidado, mas a expressão em seu rosto deixava claro que estava pronta para o que viesse. Pela primeira vez desde que tudo começara, ela não sentia medo. Apenas determinação.

— Então é agora, disse ela, levantando-se. — Vamos mostrar que não somos fracos, que essa aldeia tem raízes e que nem os ventos mais ferozes podem arrancar.

Ajaguanã entrou na sala com um arco em mãos, seguido por Enache, que trazia consigo um mapa marcado por rotas estratégicas. Os três homens, que antes havia enfrentado suas próprias divergências, agora eram como três pilares de uma fortaleza inabalável. Camby, sem dizer nada, apenas ergueu a pequena Yandra em seus braços, como se soubesse que, de algum modo, o destino daquela criança estava entrelaçado com o futuro da aldeia.

E assim, sob o céu estrelado que parecia observar cada movimento, os defensores da aldeia se prepararam, não apenas para um confronto, mas para um momento que definiria suas vidas para sempre.

A batalha desenrolou-se como uma dança caótica sob o véu da noite. Ajaguanã, com olhos precisos e firmes, disparava suas flechas com a fúria de um guerreiro que sabia que cada disparo era um passo para salvar o legado de seu povo. Os invasores avançavam implacáveis, mas a aldeia resistia com uma força que parecia brotar do próprio chão.

Naquela noite, o sacrifício de Ceci se tornou o símbolo da resistência. Ela, que havia pronunciado as antigas canções de proteção e oferecido sua própria

vida, deixou um rastro de força entre os aldeões. Sua coragem não foi em vão; sua energia parecia pulsar entre aqueles que seguravam armas improvisadas e lutavam, mesmo quando a esperança parecia escassa.

Ao amanhecer, o campo era um cenário de destruição e perdas, mas também de algo novo; renovação. Radu, devastado pela dor da batalha, segurava Yandra com mãos firmes, sabendo que aquele momento marcava o início de algo maior. A menina, mestiça e ainda tão jovem, foi acolhida como a nova líder, a chama que guiaria os Terenos através das trevas.

Famílias choravam seus mortos enquanto reconstruíam casas e vidas. A aldeia, antes marcada pelo silêncio inquietante, agora ecoava com vozes de determinação. Yandra, embora frágil em aparência, trazia consigo a força de gerações e a sabedoria que havia passado de mãe para filha, de guerreiro para guerreira. Ela seria a ponte entre o passado e o futuro e, com seu comando, os Terenos aprenderiam a transformar a dor em poder.

Sob a luz do sol nascente, a aldeia prometeu nunca esquecer o sacrifício de Ceci e daqueles que lutaram. Cada pedra que se erguia, cada árvore que era plantada, carregava a memória de uma noite que jamais seria apagada. Os Terenos, liderados um dia por Yandra, tornar-se-iam, um símbolo de resiliência e coragem, provando que, mesmo nas noites mais escuras, há sempre um novo amanhecer.

A PROMESSA

E

les três sabiam, assim como Inara e Moara, que aquela decisão era em prol da paz e da prosperidade da aldeia. A promessa das fadas, selada pelo sacrifício de Ceci, tornava-se um fio condutor de esperança. Dentro de alguns anos, disseram, os Terenos seriam a tribo mais forte e influente de toda a Colina. Não seria apenas a força física ou as defesas fortificadas que os destacariam, mas o espírito inquebrantável que pulsava em cada coração.

Entre os murmúrios de promessa e determinação, Ajaguanã, Enache e Radu ergueram-se como protetores silenciosos, conscientes de que cada passo dado a partir dali seria guiado não apenas pelo desejo de sobrevivência, mas pela ambição de honrar os legados deixados por Ceci e suas canções antigas. Yandra, ainda apenas uma criança, era vista como a centelha que acenderia o fogo eterno de sua tribo.

Nos anos que se seguiram, Yandra cresceu sob os cuidados atenciosos de Camby, que assumiu o papel de mentora e guardiã. Ela lhe transmitiu não apenas o amor pela tribo, mas também a força moral necessária para carregar o fardo da

liderança. Camby a ensinava a valorizar cada vida e a respeitar o equilíbrio entre a tradição e a inovação, preparando-a para os desafios que surgiriam.

Paralelamente, Ajaguanã e Enache, junto a outros guerreiros experientes, tornaram-se seus instrutores. Com paciência e dedicação, ensinaram a jovem não apenas a empunhar uma arma, mas também a compreender a arte da estratégia e da diplomacia. Yandra aprendeu a defender seu povo, mas também a entender que a verdadeira liderança não reside na força bruta, e sim na sabedoria de saber quando lutar e quando negociar.

A cada lição, Yandra absorvia as histórias de batalhas passadas e as canções de vitória que ecoavam pelos campos da aldeia. Era como se a energia de Ceci e dos ancestrais vibrasse em cada palavra, em cada gesto. A menina transformava-se, em uma líder que unia a ferocidade das flechas disparadas por Ajaguanã com a compaixão que ressoava nas canções da aldeia.

Ajaguanã, que sempre carregara consigo o peso das batalhas e o luto pelos que partiram, via em Yandra algo mais do que uma líder em formação. Ele enxergava nela a presença invisível de Ceci, como se o espírito da guerreira continuasse a guiá-los por meio da jovem. Era um consolo silencioso, uma força que o mantinha em pé.

Numa tarde tranquila, enquanto a aldeia trabalhava em harmonia sob o calor brando do sol, Ajaguanã repousava em uma rede entre as árvores. O som das folhas balançando ao vento embalava seu descanso, e seus pensamentos se perdiam em memórias de tempos passados. Foi então que, em seu sono, um sonho tomou forma. Ele viu Ceci, resplandecente como sempre, estendendo os braços para Yandra, que corria para ela como uma criança buscando o abraço de

uma mãe. Nesse instante, um sorriso brotou em seus lábios, e aquele sorriso permaneceu.

Ajaguanã dormiu para sempre sob a sombra das árvores, o rosto sereno como se tivesse encontrado, enfim, a paz. A aldeia, ao descobrir sua partida, não chorou de tristeza, mas celebrou sua vida. Diziam que ele havia reencontrado Ceci e que, juntos, os dois continuariam a proteger os Terenos de onde quer que estivessem. Seu sorriso eternizou-se como um lembrete de que o amor, o sacrifício e a memória são as forças que sustentam a alma de um povo.

Com o passar dos anos, Yandra deixou de ser apenas a criança que a aldeia protegia e tornou-se a promessa viva de um futuro próspero. Ao mesmo tempo, os Terenos, renovados e fortalecidos, observavam-na crescer com admiração e esperança, certos de que seria ela a conduzi-los à grandeza que tanto almejavam.

EPÍLOGO



s anos que se seguiram transformaram-se em uma lenda que os anciãos contavam sob o manto das estrelas. Yandra, crescida e forte, tornou-se não apenas uma líder, mas um símbolo vivo da união entre os povos. Sob sua liderança, os Terenos não apenas reconstruíram sua aldeia, mas floresceram como nunca.

Fortificaram suas defesas, criaram alianças com aldeias vizinhas e redescobriram antigas tradições que haviam sido esquecidas com o tempo. As histórias de Ceci e Ajaguanã foram imortalizadas em cantos e danças que ecoavam pelos grandes festivais da colheita, lembrando a todos do preço que fora pago para que pudessem viver em liberdade.

Yandra também teve a visão ousada de unir os conhecimentos ancestrais com inovações trazidas por viajantes que passavam pela aldeia. Sob sua orientação, os campos tornaram-se mais férteis, as armas mais eficazes, e a cultura dos Terenos encontrou um equilíbrio entre o passado e o futuro.

Embora o ataque tenha deixado cicatrizes profundas, ele também ensinou aos Terenos a reconhecerem a força que possuíam. Cada criança que nascia trazia consigo a responsabilidade de proteger a chama que Yandra mantinha acesa. A aldeia se tornou um símbolo para muitas outras, uma prova de que a coragem e a unidade podiam superar qualquer adversidade.

Décadas depois, quando Yandra já era uma anciã, as pessoas ainda vinham de terras distantes para ouvir suas palavras. Ela, com cabelos prateados pelo tempo, contava como uma aldeia quase esquecida havia transformado o desespero em esperança e a destruição em prosperidade. E, enquanto ela falava, os olhos das novas gerações brilhavam com a promessa de que, não importa o quão devastadora fosse a tempestade, o sol sempre voltaria a brilhar.

No silêncio solene que seguia cada celebração sob as estrelas, os Terenos relembavam a lenda de Pădurii, a fada guardiã das florestas e do labirinto ancestral. Diziam que, na noite em que Ceci se sacrificou, Pădurii emergiu entre as sombras das árvores, envolvida por um véu de luz dourada, para honrar a promessa feita à tribo.

Quando a aldeia estava mergulhada no caos e no medo, Pădurii havia guiado Ceci e Ajaguanã pelos mistérios do labirinto sagrado, um lugar que resplandecia com magia e segredos antigos. Naquele momento de necessidade, o labirinto protegeu os Terenos, escondendo os mais vulneráveis e confundindo seus inimigos. Mas uma promessa fora feita: quando o momento chegasse, o labirinto seria fechado para sempre, e a sua proteção se tornaria um símbolo eterno de aliança entre os humanos e o espírito da floresta.

Agora, com Yandra à frente de sua tribo, forte e sábia, a aldeia se reunia em um círculo ao redor da entrada do labirinto. A luz da lua iluminava a passagem,

que parecia pulsar como um coração vivo. Foi então que Pădurii apareceu mais uma vez, sua presença etérea enchendo o coração de todos com um misto de reverência e gratidão.

Com um gesto lento e gracioso, Pădurii recitou palavras em uma língua há muito esquecida, enquanto a entrada do labirinto começava a se fechar. Rochas antigas e raízes entrelaçadas surgiam das profundezas da terra, selando a passagem com um esplendor que parecia ecoar até os céus.

Antes de desaparecer, a fada voltou-se para Yandra e os Terenos, proferindo o que se tornaria a última peça da sua promessa: — *Este labirinto, que outrora guardou suas vidas, agora descansará em silêncio eterno. Mas a sua força, a sua unidade, será o verdadeiro escudo que protegerá esta terra. Honrem Ceci, honrem a terra, e lembrem-se de que o espírito da floresta sempre caminhará ao seu lado.*

E assim, enquanto o labirinto se fundia novamente com a floresta ao seu redor, os Terenos souberam que um novo capítulo de sua história começava. Era um capítulo onde a força não vinha apenas das armas ou das defesas, mas da conexão intrínseca entre o povo, a terra e os segredos eternos da floresta que os envolvia.

Com o passar dos anos, a lenda de Pădurii não apenas se manteve viva entre os Terenos, mas se expandiu para além das fronteiras da aldeia. Poetas e bardos de terras longínquas narravam em suas canções a aliança sagrada entre o espírito da floresta e o povo que havia renascido das cinzas. As crianças eram ensinadas desde cedo a respeitar a floresta e suas criaturas, entoando cânticos de gratidão ao vento que sussurrava entre as árvores ancestrais.

A aldeia floresceu em harmonia, suas práticas refletindo uma sabedoria que unia os dons da natureza às aspirações humanas. Os jovens, ao atingirem a idade adulta, passavam por um rito de passagem onde atravessavam os limites da floresta, não para buscar o labirinto perdido, mas para sentir a presença de Pădurii nas sombras silenciosas e na luz dourada que filtrava entre as folhas.

De tempos em tempos, viajantes e estudiosos vinham à aldeia, atraídos pelas histórias de coragem e pelas maravilhas de um povo que havia transformado o sofrimento em um legado de esperança. Artefatos feitos pelos Terenos, marcados com símbolos de raízes e estrelas, tornaram-se itens de grande reverência em mercados distantes, não como mercadorias, mas como lembretes de uma conexão espiritual profunda.

E em noites especiais, quando as fogueiras iluminavam o centro da aldeia, os anciãos se reuniam para narrar às novas gerações os detalhes da promessa de Pădurii. Durante essas contações, era dito que a essência da fada ainda se movia pela floresta, protegendo todos aqueles que caminhavam com respeito e coração puro.

Enquanto a lua continuava a guiar as suas noites e o sol a aquecer os seus dias, os Terenos permaneceram guardiões do equilíbrio que Pădurii lhes havia ensinado. E assim, geração após geração, a aldeia tornou-se mais do que um lugar. Tornou-se um símbolo de que, mesmo nas adversidades mais sombrias, há luz e vida esperando para renascer.

A canção de Pădurii ecoa entre os galhos altos e as raízes profundas, um murmúrio que apenas aqueles em sintonia com a natureza conseguem ouvir. Dizem que, em noites de ventos suaves, a melodia da fada pode ser sentida como

um abraço invisível, repleto de promessas e memórias. Os Terenos acreditam que a canção não é apenas um som, mas uma mensagem viva — uma forma de comunicação entre o espírito da floresta e o coração humano.

Nos momentos de maior necessidade de que essa canção parece ganhar força. Quando alguém da aldeia enfrenta um dilema ou busca respostas, muitos escolhem caminhar até a borda da floresta, onde dizem que o eco de Pădurii é mais intenso. Lá, entre os troncos ancestrais, alguns afirmam sentir uma calma inexplicável, enquanto outros juram ouvir palavras de encorajamento misturadas ao som do vento.

Com o tempo, a canção de Pădurii tornou-se parte do imaginário coletivo. Os anciãos da aldeia ensinam que ela não é composta por notas, mas sim pela vibração de cada ser vivo — das árvores, do solo, dos rios e até dos próprios Terenos. Uma melodia silenciosa que conecta tudo, como um fio invisível que une o passado ao presente e o presente ao futuro.

A aldeia celebra essa ligação com rituais dedicados à floresta. Uma vez por ano, durante a noite mais longa, os habitantes acendem pequenas lanternas e as posicionam ao redor da aldeia, como estrelas terrestres, enquanto entoam cânticos que reverberam pela escuridão. Essas cerimônias não são apenas momentos de celebração, mas também de reconexão com o legado eterno de Pădurii, relembrando que a força da aldeia está na harmonia com a natureza.

E assim, enquanto a melodia da fada continua a ecoar, os Terenos seguem vivendo, não apenas como guardiões da floresta, mas como parte inseparável dela, carregando em suas canções e histórias o eterno vínculo que os mantém unidos ao espírito que nunca os abandonou.



